JANEIRO DE 2021

AVENTURAS NA HISTÓRIA

PERFIL

A SAGA DO NAVIO ALEMÃO QUE TENTOU SALVAR 937 JUDEUS

NO ACRE, O SURTO DA BORRACHA QUASE NOS LEVOU À GUERRA

BANHOS: UMA TRADIÇÃO POLÊMICA, CURIOSA E MILENAR

MARTINHO LUTERO

HÁ 500 ANOS, O TEÓLOGO ALEMÃO ERA EXCOMUNGADO PELA IGREJA CATÓLICA, UMA ORDEM QUE PODE SER REVOGADA AINDA NESTE MÊS

JANEIRO DE 2021

AVENTURAS NA HISTÓRIA

PERFIL

A SAGA DO NAVIO ALEMÃO QUE TENTOU SALVAR 937 JUDEUS

NO ACRE, O SURTO DA BORRACHA QUASE NOS LEVOU À GUERRA

BANHOS: UMA TRADIÇÃO POLÊMICA, CURIOSA E MILENAR

MARTINHO LUTERO

HÁ 500 ANOS, O TEÓLOGO ALEMÃO ERA EXCOMUNGADO PELA IGREJA CATÓLICA, UMA ORDEM QUE PODE SER REVOGADA AINDA NESTE MÊS

PERFIL

Presidente
Luis Fernando Maluf

Diretor Editorial:
Pablo de la Fuente

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Edição:
Izabel Duva Rapoport

Edição de arte:
Marli Miler

Revisão:
Hellen Ribeiro

AVENTURAS NA HISTÓRIA

MARTINHO LUTERO

HÁ 500 ANOS, O TEÓLOGO ALEMÃO ERA EXCOMUNGADO PELA IGREJA CATÓLICA, UMA ORDEM QUE PODE SER REVOGADA NESTE MÊS

EDIÇÃO 212

SÃO PAULO
EDITORA CARAS
2021

EDITORIAL

GESTO DE UNIÃO

Um grupo de teólogos alemães tem se dedicado a pedir ao Vaticano e à Federação Luterana Mundial que fortaleçam o diálogo entre as Igrejas Católica e Protestante para possibilitar ao atual papa que revogue a excomunhão de Martinho Lutero, ordenada há exatos 500 anos pelo papa Leão X. O ato da possível revogação (que não ocorreu até o fechamento desta edição de AVENTURAS NA HISTÓRIA), embora simbólico, se destaca, pois pode representar o fim de conflitos e desconfortos que existem e persistem, há cinco séculos, entre fiéis do mesmo Cristo.

Esta não é a primeira vez que estudiosos apelam para a anulação do episódio que condenou o ex-monge alemão. No entanto, os pedidos de revogação só aumentam e, o melhor, vêm de todas as partes do planeta, tanto de católicos quanto de luteranos, com apoio até de ateus – prova de que o gesto simbólico tem valor não só para o ecumenismo, mas também para a humanidade.

Contar os fatos que levaram à excomunhão de Lutero no dia 3 de janeiro de 1521 é a proposta da primeira capa do ano. Um tema que vai além da efemeridade da data, trazendo à tona um esperançoso laço histórico entre doutrinas – que, mesmo com as diferenças, só têm a ganhar.

Feliz Ano Novo!

Izabel Duva Rapoport
Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinho Lutero : há 500 anos, o teólogo alemão era excomungado pela igreja católica, uma ordem que pode ser revogaa neste mês / Editora Caras. -- 212. ed. -- São Paulo : Editora Caras S/A, 2020.

ISBN 978-65-5794-007-5

1. Igreja Católica 2. Lutero, Martinho, 1483-1546 - Reforma - Alemanha - Clero - Biografia 3. Protestantismo - História I. Caras, Editora. II. Título.

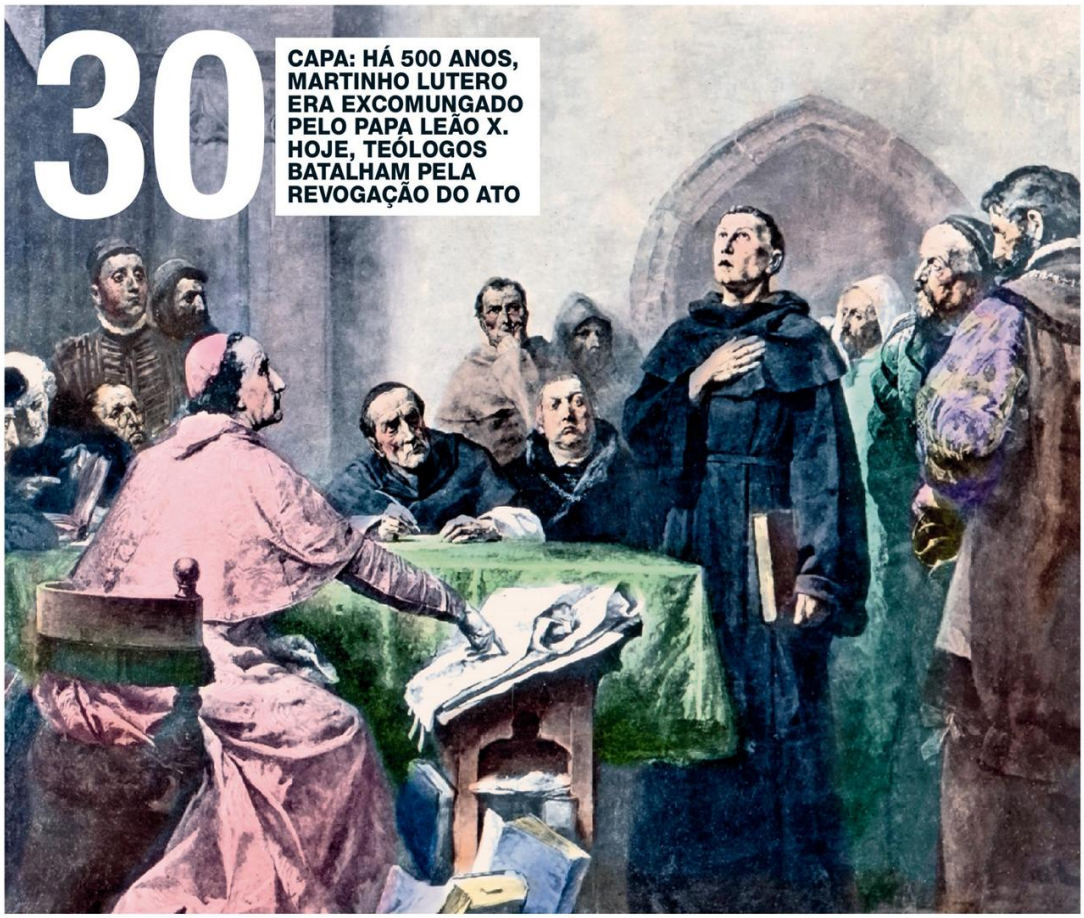
20-52162 CDD-270.6092

Índices para catálogo sistemático:

1. Lutero : Período da Reforma : Igreja cristã :
História 270.6092

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO



30 CAPA: HÁ 500 ANOS, MARTINHO LUTERO ERA EXCOMUNGADO PELO PAPA LEÃO X. HOJE, TEÓLOGOS BATALHAM PELA REVOGAÇÃO DO ATO

6 **GALERIA**
Arte finlandesa por Gallen-Kallela

12 **HOJE NA HISTÓRIA**
Aconteceu em janeiro

14 **COMO FAZÍAMOS SEM**
Anestesia

16 **À MESA**
O primeiro intercâmbio culinário no Brasil

18 **LINHA DO TEMPO**
Os samurais serviram aos líderes do Japão por sete séculos

20 **ILUSTRADA**
A construção do Cristo Redentor no Rio de Janeiro

22 **ARTE**
Judite decapitando Holofernes, por Artemisia Gentileschi

24 BRASIL
Como o surto da borracha levou o Acre a uma série de conflitos entre o Brasil e a Bolívia

40 GUERRA
A saga do navio que tentava salvar judeus dos nazistas, mas foi rejeitado por Cuba e EUA

48 COMPORTAMENTO
Públicos ou privados, sagrados

54 **PERSONAGEM**
GABRIEL WALDMAN

56 **COLUNA**
RICARDO LOBATO

57 **COLUNA**
ALEXANDRE CARVALHO

IMAGES: SUMÁRIO CARL SIMON/UNITED ARCHIVES/UNIVERSAL IMAGES GROUP VIA GETTY IMAGES

IMAGENS CAPA GETTY IM

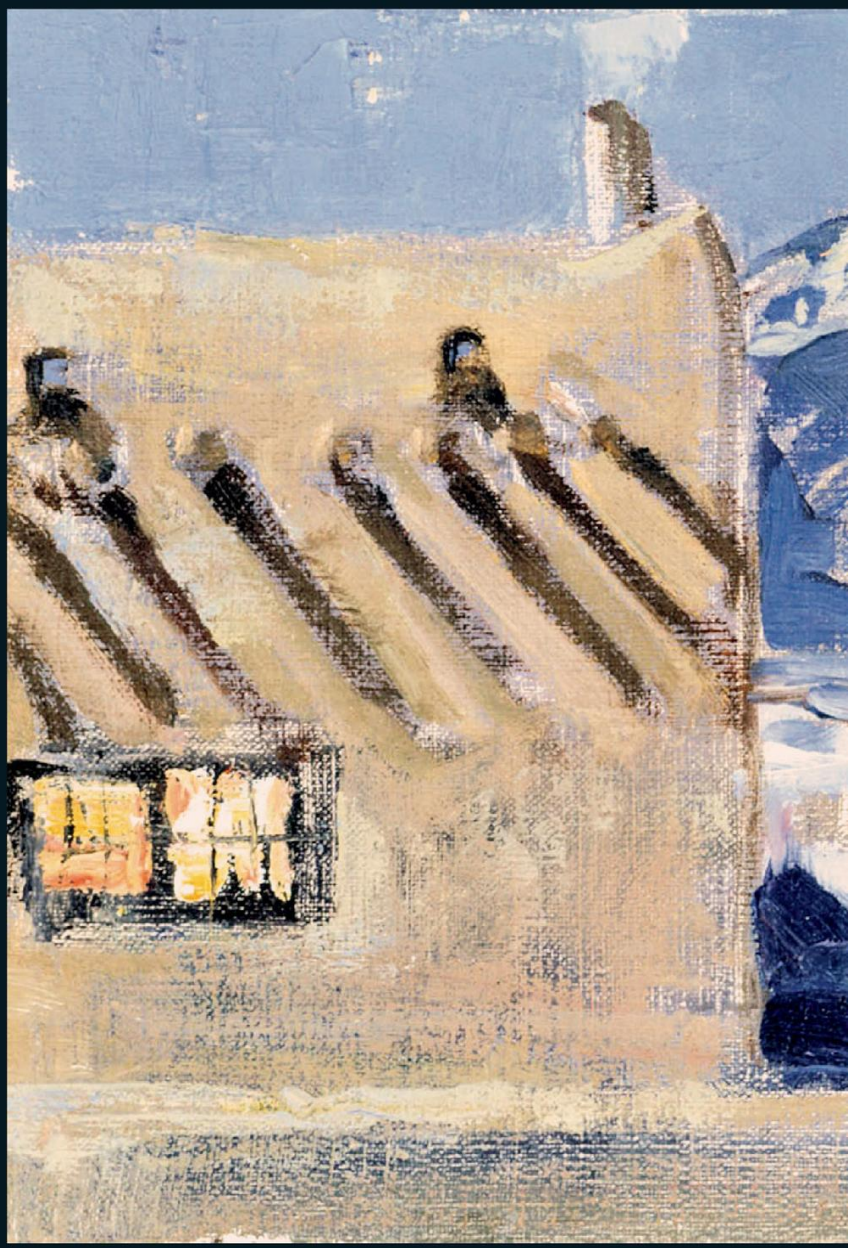
17 **DÚVIDA CRUEL**
Onde foram parar os negros da Argentina?

58 **MEMÓRIA**
Os jardins do Vale do Anhangabaú no centro de São Paulo

ou profanos, os banhos são uma tradição milenar

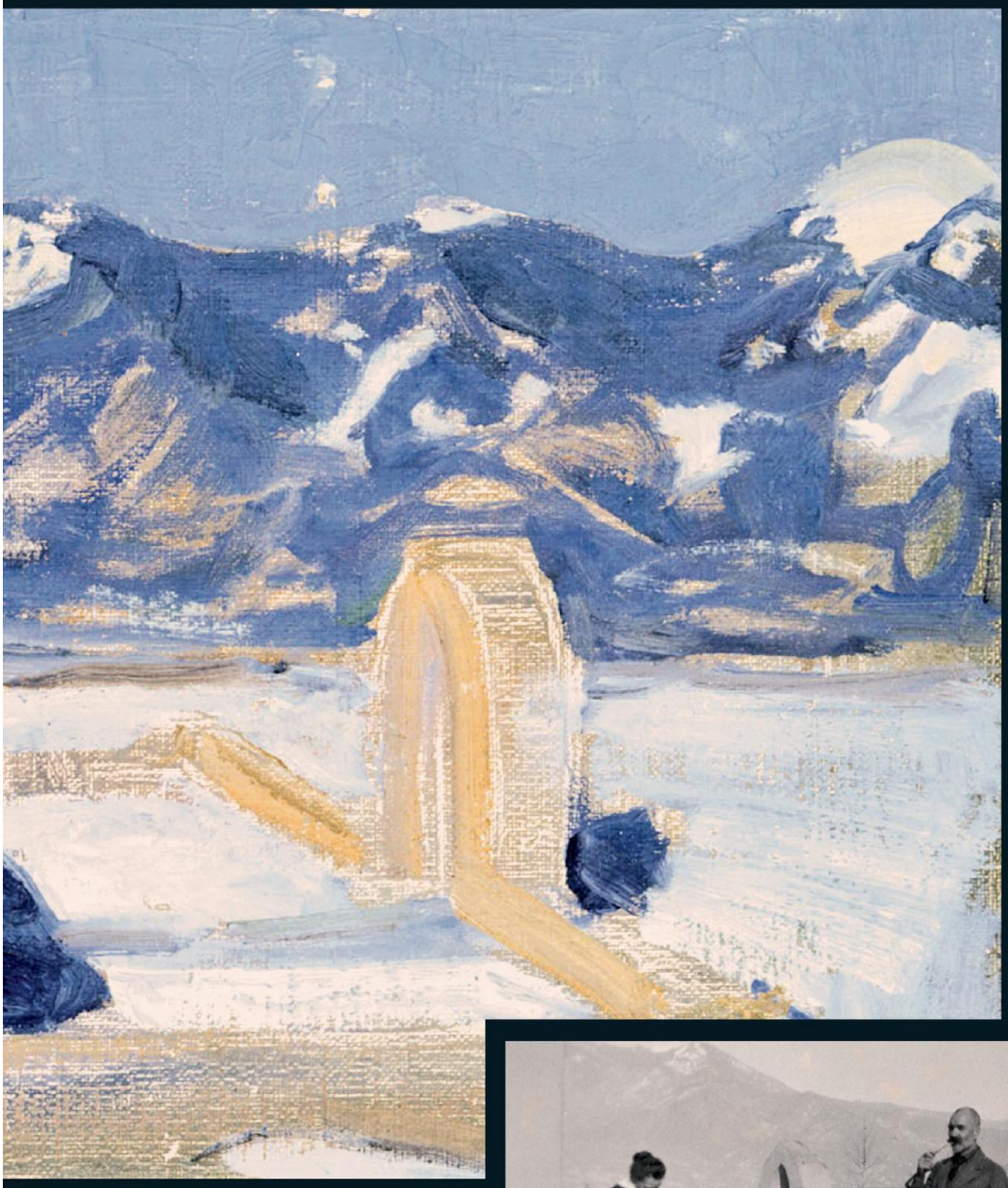
GALERIA

ARTE FINESA



JÁ DE CARREIRA FEITA NA FINLÂNDIA E TIDO COMO CONSERVADOR

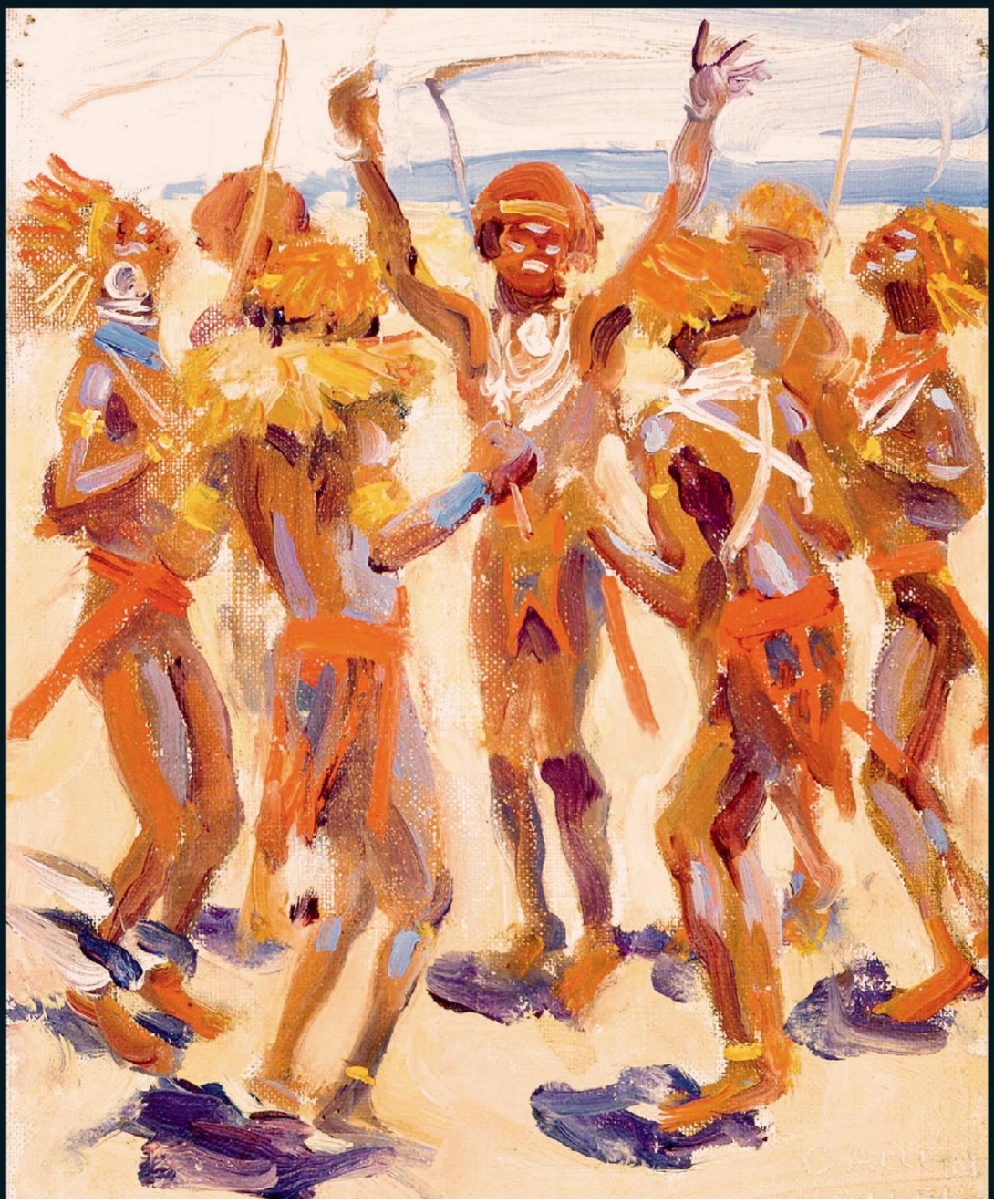
PELA NOVA GERAÇÃO DE ARTISTAS, GALLEN-KALLELA VIAJA PELA ÁFRICA E NOVO MÉXICO, E RENOVA SUA ARTE. “FOI UM PERÍODO DE PURIFICAÇÃO”, DIZIA O PINTOR **POR IZABEL DUVA RAPOPORT**



Gallen-Kallela (1865-1931), conhecido por ilustrar o *Kalevala*, o poema épico finês, gostava de levar a

família para as suas viagens

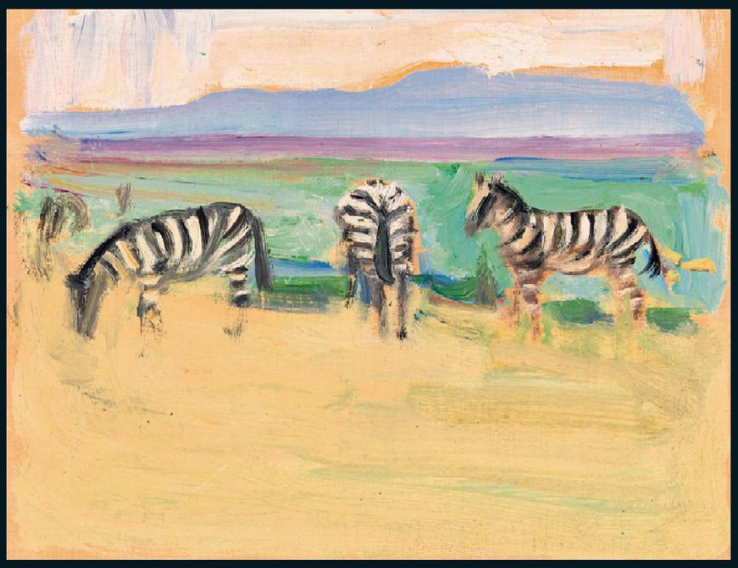
GALERIA

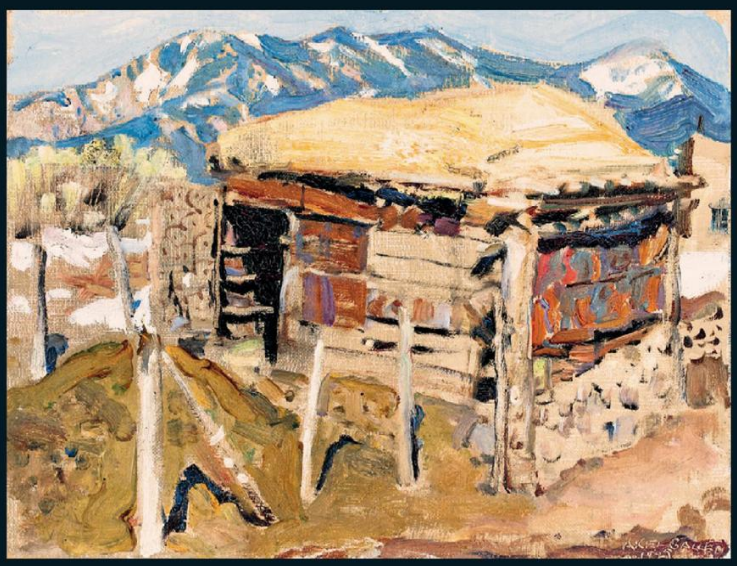


NAIROBI

SAFÁRI AFRICANO

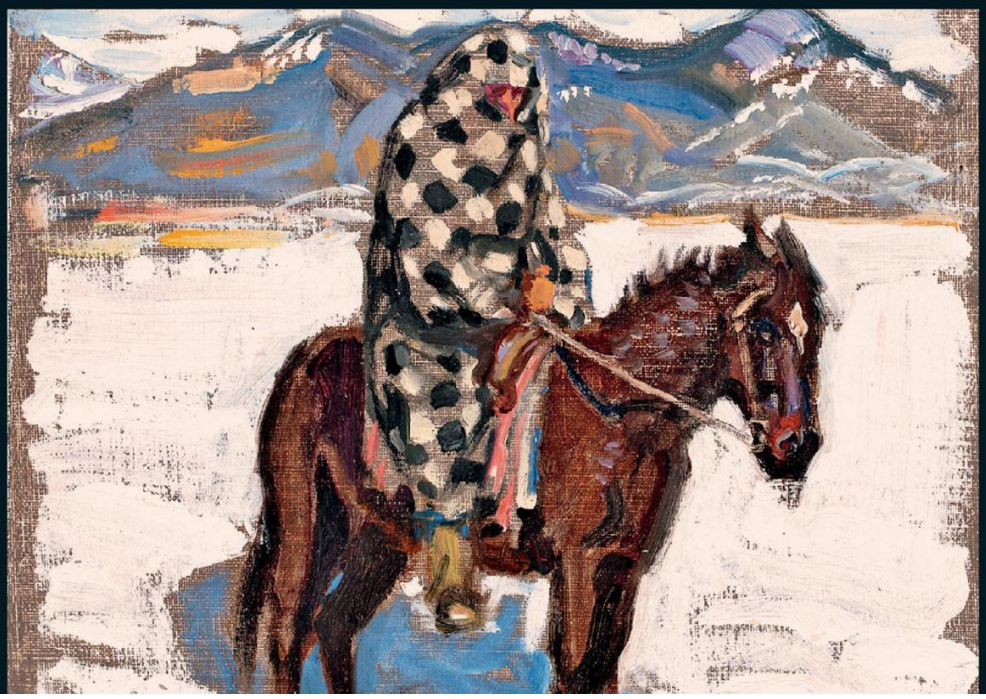
A jornada do pintor finlandês Gallen-Kallela pela África Oriental britânica, em Nairóbi (atual Quênia), começou em 1888, quando ainda era um jovem artista. Mas foi só duas décadas depois, em 1909, que ele registrou uma série de obras consideradas de “renovação”. Isso porque sua ida ao lugar pela segunda vez foi vista como a fuga de um artista de meia-idade do seu próprio meio, cuja arte – já modernista e contemporânea – não lhe agradava. No fim, a viagem transformou seu lado conservador em paisagens vívidas e quase abstratas, bem diferentes do seu passado.





COLÔNIA DE ARTISTAS

Anos depois, já com quase 50 anos de idade, Gallen-Kallela foi para os Estados Unidos em busca de novas inspirações. De lá, em 1924, foi para uma colônia de artistas em Taos, no Novo México, fundada pela americana Mabel Dodge Luhan (1879-1962), uma rica patrona das artes. Ao lado da esposa e filha, o finlandês passou sete meses numa casa bem na fronteira de uma reserva indígena, onde pintou paisagens montanhosas e cheias de neve, além de retratar o povo local e detalhes da vida cotidiana – sempre em tons vibrantes, refletindo a luz da região.



FANA

AXEL
GALLEN.K.
TAOS.NM. 19/95

ACONTECEU EM JANEIRO

1º **1959** Rebeldes comandados por **Fidel Castro** tomam Havana, e o ditador Fulgêncio Batista deixa o país. A revolução marcou o início da hegemonia de Fidel no poder.

2 **533** Para que a Igreja Católica não tivesse um papa com o nome de um deus pagão, Mercúrio, eleito sumo pontífice, assume como **João II**. Ele foi o primeiro papa a trocar de nome na História.

3 **1868** A **Restauração Meiji** é instituída pelo imperador do Japão, pondo fim ao sistema de xogunato e dando início a uma série de transformações políticas no país.

4 **1956** O pintor brasileiro **Cândido Portinari** entrega na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York, a obra *Guerra e Paz*, em dois gigantescos painéis.

5 **1919** Anton Drexler funda na Alemanha o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais tarde chamado de **Partido Nazista**. Adolf Hitler foi o militante número 7.

6 **1929** Alexandre I, rei do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, instaura a **Ditadura de 6 de Janeiro**. Ele suspendeu a Constituição, dissolveu o Parlamento e alterou o nome do país para Reino da Iugoslávia.

7 **1714** Registrada a patente de um aparelho capaz de imprimir letras diretamente no papel, uma após a outra. Assim, o inventor britânico Henry Mill dava origem à **máquina de escrever**.

8 **1954** No dia em que completava 19 anos, o jovem **Elvis Presley** pagava 4 dólares para gravar duas canções num estúdio de Memphis. Isso daria origem à sua carreira.

9 **1431** Juízes começam a investigar as acusações no julgamento de **Joana d'Arc**, em Rouen, posto de ocupação do governo inglês na França.

10 **1863** O **metrô de Londres**, o primeiro do mundo, começa a funcionar. Os trens eram movidos a vapor e foram criados para tentar diminuir o tráfego dos veículos puxados por cavalos.

11 **532** Torcedores dos jogos romanos começam a **Revolta de Nika**, para derrubar o imperador Justiniano I. O protesto durou sete dias e foi contido depois da morte de 30 mil pessoas.

12 **1866** A **Royal Aeronautical Society**, a primeira instituição científica aeroespacial do mundo, é fundada em Londres. Seriam necessários mais quase 40 anos até os primeiros aviões.

13 **1898** Émile Zola publica *J'Accuse*, atacando o governo francês por antissemitismo, por condenar um oficial do Exército acusado de traição, o **caso Dreyfuss**.

14 **378** O general maia **Siyaj K'Ak'** conquista a importante cidade de Tikal, na atual Guatemala, e começa a substituir

15 **1976** Quase 400 anos depois da abertura do primeiro terreiro, o **candomblé** é reconhecido na Bahia como religião.

16 **1412** A família **Médici** se torna a responsável pelas finanças da Igreja Católica. Ao longo das décadas seguintes,

17 **1942** Nasce o boxeador americano Cassius Clay, mais conhecido como **Muhammad Ali**. Campeão dos pesos-

os líderes das cidades-estado do território.

Com isso, coloca-se um fim às perseguições policiais aos fiéis.

três membros da dinastia se tornariam papas.

pesados, ele também foi ativista pelos direitos civis. Morreu em 2016.

18 **1670** Agindo em nome de seu país, o corsário inglês **Henry Morgan** captura a cidade do Panamá, da Espanha. Acabaria indo parar na cadeia, porque, sem saber, um acordo de paz tinha sido firmado.

19 **1915** Bombardeios de **Zepelins** alemães a pequenas vilas inglesas, causando quatro mortes e 16 feridos. É o primeiro ataque aéreo de civis na História.

20 **1980** Os Estados Unidos anunciam boicote às **Olimpíadas de Moscou**, em retaliação à invasão dos soviéticos no Afeganistão. Outros 69 países também não participaram dos jogos.

21 **1846** É publicada a primeira edição do jornal *Daily News*, em Londres, na Inglaterra. O editor era o escritor **Charles Dickens**.

22 **1973** O **aborto é** legalizado nos Estados Unidos depois de uma decisão da Suprema Corte – o Judiciário estabeleceu que a 14ª emenda da Constituição do país dá esse direito às mulheres.

23 **971** A Dinastia Sung vence uma batalha contra as **Tropas de Elefantes** de guerra da Dinastia Han, na China. Foi a estreia dos paquidermes no Exército oriental.

24 **1972** O soldado japonês **Shoichi Yokoi** é encontrado em Guam, no Oceano Pacífico. Ele passou 28 anos perdido numa ilha e não sabia que a Segunda Guerra já havia acabado.

25 **1947** A sífilis acaba com a vida do gangster **Al Capone**, um dos maiores mafiosos da história dos Estados Unidos. Ele controlou o crime organizado de Chicago na década de 1920.

26 **1654** Após o **Cerco de Recife**, os holandeses rendem-se aos portugueses e retiram-se de Pernambuco, pondo fim a uma ocupação de 24 anos.

27 **1967** Simulação de lançamento da **Apollo 1**, na Flórida, dá início a um incêndio que mata três astronautas americanos: Edward White, Virgil Grissom e Roger Chaffee.

28 **1813** O livro ***Orgulho e Preconceito***, de Jane Austen, é publicado pela primeira vez no Reino Unido. Austen recebeu apenas £ 110

29 **1837** Após um duelo, morre baleado o poeta e romancista russo **Aleksandr Pushkin**, em São

30 **1649** O rei **Carlos I** da Inglaterra é decapitado após falhar em sufocar a Guerra Civil no país e se refugiar na Espanha. Foi a primeira

31 **1918** Durante uma noite escura e coberta por névoa na Escócia, **oito embarcações** de guerra britânicas batem umas

IMAGES

IMAGEM GETTY

pelo manuscrito, que, hoje, é uma das maiores obras da literatura inglesa.

Petersburgo. Ele havia acusado o oponente de seduzir sua mulher.

vez que um monarca europeu foi executado a mando de um Parlamento.

contra as outras. Dois submarinos afundam.

ANESTESIA

PLANTAS VENENOSAS, GASES TÓXICOS, O FRIO E ATÉ MESMO ESTADOS DE COMA PROVOCADOS DE PROPÓSITO JÁ SERVIRAM PARA DRIBLAR A DOR

MOACYR SCLIAR

Está na *Bíblia*, logo no comecinho, que, quando Deus resolveu criar a mulher a partir da costela de Adão, induziu o pobre homem a um sono profundo. Essa pode ter sido a primeira anestesia. Porém, Ele dá, Ele tira... Quando Eva comeu o fruto proibido, o mesmo Deus que poupou Adão condenou a pecadora "a dar à luz em meio a dores" (*Gênesis*, capítulo 3, versículo 16). A partir de então, a dor passou a ser parte da condição humana, algo que deve ser suportado e que pode ser até credencial para recompensas na outra vida. Entre os que não pensavam assim estavam não apenas os que sofriam na carne dores atrozes, mas também os primeiros médicos. Com eles nasceu a cirurgia e, com esta, a necessidade de aliviar as dores provocadas pelas rudimentares intervenções cirúrgicas. Começa assim a história da anestesia.

O termo, que vem do grego (*an*, sem; *esthesia*, sensibilidade), foi usado pela primeira vez por volta do ano 50 pelo médico grego Dioscórides, famoso por suas experiências com plantas. Ele descobriu que a mandrágora (um tubérculo semelhante à batata) continha uma substância chamada hioscina, que possuía efeitos anestésicos. Mas, mesmo antes dele, os gregos já conheciam o efeito anestésico de outras plantas, como o ópio, extraído da papoula; a maconha, extraída da Cannabis, e o meimendro. No século 4 a.C., o próprio "pai da medicina", Hipócrates, usava a chamada esponja soporífera, que continha uma mistura de ópio e mandrágora, para colocar seus pacientes a nocaute. Depois, para acordar o coitado, recorria-se a uma esponja embebida em – uma mistura de ópio e álcool (este último, um soporífero tão antigo quanto Baco e o vinho).

Na América pré-colombiana já se conhecia e se utilizava a propriedade anestésica de certas plantas, por exemplo, com a mastigação das folhas de coca, que era conhecida no idioma quéchua como *kunka sukunka* (goela adormecida). Os jesuítas aprenderam a usar a coca para o tratamento da dor de dentes (isso muito antes que a substância fosse transformada, pela química, num poderoso narcótico). Com os índios, os europeus aprenderam o uso de uma outra substância anestésica: o curare, do qual falava o explorador sir Walter Raleigh já no começo do século 16. Essa substância, extraída da raiz da *Strychnos toxifera*, tem efeito paralisante e relaxante sobre a musculatura, bem útil em cirurgias.

BIZARRO, MAS INDOLOR

Mas nem só de plantas viveram os antigos anestesistas. Um dos métodos mais exóticos era utilizado em 1 000 a.C. pelos médicos assírios. Eles comprimiam a carótida (a artéria que leva sangue para o cérebro) do paciente, provocando um transitório – e perigoso – estado de coma, durante o qual realizavam procedimentos cirúrgicos. A compressão de um nervo também diminui a sensibilidade: é aquela sensação que temos quando, depois de muito tempo sentados, percebemos que a nossa perna "dormiu". Esse adormecimento era propositadamente provocado com o uso de um garrote apertado.

O frio é igualmente anestésico e era usado, em meados do século 16, por aquele que foi conside-

vinagre. A esponja soporífera continuou sendo utilizada até o século 17 e o ópio foi usado até recentemente, sob a forma de tintura ou láudano

rado o pai da cirurgia, o francês Ambroise Paré. Ele usava gelo ou neve para congelar as partes do corpo do paciente antes de operá-lo. Ainda no

quesito bizarrices, um procedimento bem diferente foi aplicado por Franz Anton Mesmer, médico austríaco que, em meados do século 18, introduziu o chamado "magnetismo animal" – na verdade uma forma de hipnotismo – para tratar doenças e como método de anestesia.

Nada disso, é claro, funcionava muito bem. Mas a verdade é que a cirurgia só era praticada em casos raros: amputação de membros, remoção de pedras na bexiga, retirada de tumores visíveis e volumosos. Operar dentro do crânio, do tórax ou mesmo do abdome era praticamente impossível. Em todos os casos, a qualidade básica do cirurgião era a rapidez. Ele tinha de lutar com a agitação dos pacientes, muitos dos quais eram amarrados. Os mais sortudos desmaiavam.

A situação mudou no século 19. Graças ao progresso da química, substâncias como óxido nitroso, éter, clorofórmio e morfina já estavam disponíveis. As drogas então podiam ser injetadas graças à seringa, inventada quase ao mesmo tempo pelo cirurgião francês Charles Gabriel Pravaz e pelo escocês Alexander Wood. As primeiras anestesias, no entanto, foram feitas nos Estados Unidos. Em 1842, Crawford W. Long usou éter num paciente cirúrgico. Em 1844, o dentista Horace Wells extraiu de si próprio um molar depois de inalar óxido nitroso. Esses eventos não foram bem divulgados e, assim, considera-se a data da introdução "oficial" da anestesia o dia 16 de outubro de 1846, quando, no Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, ocorreu a sua primeira demonstração pública, com éter, realizada pelo doutor William Morton.

IMAGENS GETTY IMAGES

PARTO SEM DOR

O médico escocês James Young Simpson foi o primeiro a aplicar clinicamente o clorofórmio como anestésico na obstetrícia. Em 1847, ele realizou o primeiro parto sem dor da história, para o terror dos cristãos mais fervorosos, que acreditavam que as dores do parto eram uma recomendação direta de Deus e que com isso não se deveria brincar. A mãe da menina, no entanto, ficou para lá de agradecida e batizou a criança (veja só) de Anestesia. O clorofórmio logo caiu nas graças das mulheres e a própria rainha Vitória solicitou os préstimos de Simpson, que pôs no mundo os príncipes Leopoldo e Beatriz, os dois últimos filhos da soberana da Inglaterra. Ambos nasceram hemofílicos. Os adversários do "Doutor Clorofórmio" acusaram-no de causar o mal nas crianças, dizendo que um castigo de Deus se abatera sobre elas. Hoje se sabe que a acusação era bobagem. O clorofórmio é, sim, um gás bastante tóxico, mas a hemofilia é uma doença hereditária e não há relação com a exposição ao gás. Na época, porém, foi um baita revés para o doutor. Anos mais tarde, o clorofórmio seria substituído quase por completo por outros componentes de ação mais rápida

DE J BURTON /M

Quatro semanas depois, o médico Oliver Wendell Holmes, professor em Harvard, reintroduzia o termo "anestesia" no vocabulário científico.

e menos danosos.

POR CELSO MIRANDA

PALADAR DIFERENTE

O PRIMEIRO INTERCÂMBIO GASTRONÔMICO DO BRASIL FOI UMA CATÁSTROFE

POR FLÁVIA PINHO

Ao chegar ao Brasil, em 1500, os portugueses da frota de Pedro Álvares Cabral tentaram conquistar os índios pelo estômago. Dois dias depois de chegar, eles convidaram dois tupiniquins a subir a bordo. Segundo o escrivão Pero Vaz de Caminha narrou em carta ao rei dom Manuel, foram recebidos com muito prazer e festa. A intenção era das melhores.

"O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa [grande tapete] por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau

A tripulação tratou de oferecer o que havia de mais sofisticado na despensa das embarcações. Mas o resultado foi desastroso: os índios nem ligaram para o carneiro, tiveram medo das galinhas e odiaram tudo o que comeram.

O desfecho desse incidente diplomático, nas palavras do próprio Caminha, não podia ser diferente: "Deram-lhe ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis [doces], mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada; e, se alguma coisa provaram, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhe vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram de nada, nem quiseram

IMAGES

Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram."

mais. Trouxeram-lhe a água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram e logo a lançaram fora".

IMAGENS GETTY

ONDE FORAM PARAR OS NEGROS DA ARGENTINA?

AO LONGO DO SÉCULO 19, A POPULAÇÃO DE ORIGEM AFRICANA SIMPLESMENTE DESAPARECEU DO PAÍS **POR CLÁUDIA DE CASTRO LIMA**

A Argentina hoje registra 90% de brancos em sua população, o número mais alto entre todos os países da América Latina. Mas nem sempre foi assim: em 1778, época em que o comércio negreiro estava ativo (durou do século 15 ao 19, ocorrendo a abolição em 1853), um censo populacional registrou 54% de negros em algumas regiões argentinas. Em 1887, o número caiu para 1,8% e, depois, para 1%. "A dizimação está ligada às guerras dos espanhóis contra ingleses no fim do século 18, quando boa parte dos negros morreu, engajados como soldados", afirma o historiador Álvaro de Souza Gomes Neto.

Mais tarde, no processo de independência, em 1816, foram formados os Batalhões de Libertos. Com a promessa de liberdade, os negros ocuparam as posições mais perigosas. Morreram quase todos.

Outro motivo para o sumiço foi a epidemia de febre amarela, em 1871. Os negros libertos, vivendo em condições de extrema miséria em guetos, foram os mais afetados. Soldados argentinos impediam a saída deles dos bairros em que moravam, com medo de a febre se alastrar entre os brancos. Assim, eles morriam sem atendimento médico.

Além disso, a Argentina passou a registrar todos os descendentes de escravos como brancos. A política de branqueamento oficial foi praticada no início do século 19. Para o governo, o progresso do país estava atrelado à cor de pele da população.

Muitas mulheres negras casaram-se e tiveram filhos com brancos, inclusive com imigrantes europeus que chegavam ao país. Seus filhos, embora tivessem traços negros, eram registrados como brancos. "As estatísticas, assim, acabaram registrando um sumiço repentino de toda a população

TRABALHO E RACISMO

O sistema econômico argentino começou a substituir a mão de obra escrava já por volta de 1840. "Em Buenos Aires, a força de trabalho foi basicamente de imigrantes russos, italianos, espanhóis e judeus novos", conta o professor. E no nordeste do país era, na maior parte, indígena.

Já o racismo é forte desde o século 19. "Até os anos 1930, a moda entre os negros era vestir-se, agir e falar como branco", diz. O século 20, porém, presenciou uma nova leva de imigrantes africanos na Argentina. "Temos aqui no país uma comunidade organizada de cabo-verdianos que chegaram principalmente entre as duas guerras mundiais em busca de melhores possibilidades de trabalho", descreve a filósofa argentina Dina Picotti.

Segundo ela, a imigração africana vem crescendo novamente. De fato, os últimos censos populacionais mostram que os negros voltaram a representar entre 3 e 4% dos argentinos.

IMAGES

IMAGENS GETTY

negra da Argentina. Porém, todo argentino que não seja descendente de indígenas tem sangue negro, mesmo que em pequena proporção", diz.

LINHA DO TEMPO

ASCENSÃO E QUEDA DOS SAMURAIS

OS GUERREIROS SAMURAIS SERVIRAM AOS LÍDERES QUE DOMINARAM O JAPÃO POR SETE SÉCULOS E MUDARAM A HISTÓRIA DE SEU PAÍS

1180 a 1185

GUERRA DE GEMPEI

O clã Minamoto (também chamado Genji) vence o clã Taira (ou Heike) e assume o poder no Japão. Em 1192, Minamoto Yoritomo declara-se xogum (líder supremo) e instala um governo militar. Os clãs locais formam suas próprias milícias para assegurar a coleta de impostos e proteger seus domínios, os samurais ganham importância e viram uma elite guerreira.

1274 A 1281

INVASÃO MONGOL

Liderados por Kublai Khan, mongóis instalados no poder da China tentam por duas vezes invadir o Japão, mas sua esquadra foi arrasada por tufões. Os que conseguem chegar à ilha são trucidados pelos samurais, que ganham fama de serem invulneráveis. Surge o termo kamikase (vento divino), que seria ressuscitado durante a Segunda Guerra Mundial.

1467 a 1477

GUERRA DE ONIN

Com a ascensão dos daimiôs, o xogum perde a força. A disputa pelo poder põe as famílias Hosokawa e Yamana em oposição, na Guerra de Onin – e destrói o que restava de autoridade do governo central. Outros clãs tentam ampliar seus domínios, levando o país a um século de guerra civil (período conhecido como Sengoku Jidai). Nunca os samurais trabalharam tanto.

1542

CHEGADA DOS PORTUGUESES

Na época das navegações, os portugueses chegam ao Japão. Iniciam um próspero comércio com os nipônicos e introduzem, entre outras coisas, as armas de fogo. Em 1549, o cristianismo propaga-se rapidamente e o xogunato proíbe a atividade missionária. O cristianismo é banido, os portugueses são

1600

BATALHA DE SEKIGAHARA

Cerca de 150 mil samurais lutam na mais importante batalha da história do Japão. O general Tokugawa Ieyasu derrota clãs rivais e unifica o país. Em 1603, Tokugawa torna-se xogum e estabelece seu governo em Edo (atual Tóquio). Consolida a divisão da sociedade em quatro classes: samurais, camponeses, artesãos e

1853 A 1854

REABERTURA DOS PORTOS

O isolamento dos Tokugawa preservou traços da cultura japonesa, mas estagnou o país militar e economicamente. Isso ficou evidente em 1853, quando o navegador Matthew Perry entra na Baía de Tóquio com uma esquadra, exigindo a reabertura dos portos. Perry volta em 1854 e impõe a assinatura de

1868

RESTAURAÇÃO MEIJI

Jovens samurais de clãs hostis ao xogunato rebelam-se contra o governo. Em 1868, anunciam a restauração do governo imperial, entregando o poder ao jovem imperador Meiji. Em 1869, as últimas forças dos Tokugawa se rendem. No novo regime, o país se volta para o Ocidente e inicia um processo de rápida modernização.

Em 1876, a classe dos samurais perde seus privilégios e chega ao fim.

um tratado. Seguem-se acordos com Rússia, Inglaterra e Holanda.

comerciantes. Seus sucessores governam por mais 250 anos.

expulsos e, em 1640, o Japão praticamente se isola do resto do mundo.

ILUSTRADA

A CONSTRUÇÃO DO CRISTO

SANTUÁRIO SE PREPARA PARA OS 90 ANOS

FÁBIO VARSANO

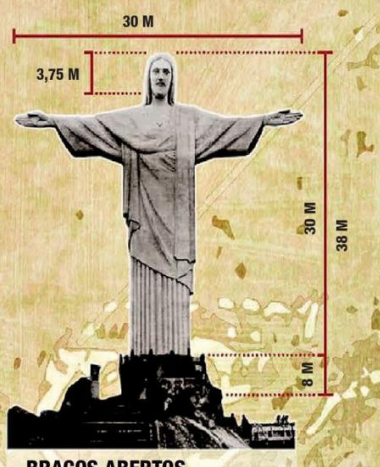
Símbolo do Rio de Janeiro e uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno, a estátua do Cristo Redentor começa a ser restaurada para o seu aniversário de 90 anos, em 12 de outubro deste ano.

A obra monumental, que mobilizou a então capital por uma década, já era sonho em meados do século 19. Em 1859, um padre francês, Pierre-Marie Bos, sugeriu para a princesa Isabel a construção da imagem no alto do Corcovado, a 710 metros de altura, no Parque Nacional da Tijuca. A ideia ressurgiu em 1921 como parte das celebrações do centenário da Independência do país, no ano seguinte. Numa assembleia, o Corcovado derrotou montanhas como o Pão de Açúcar, na Urca, e o Morro de Santo Antônio, no Centro. Em 1922, após receber 20 mil assinaturas solicitando a construção, o presidente Epitácio Pessoa autorizou a obra.

Para custear, uma campanha de arrecadação que uniu desde os mais ricos até os índios bororós angariou o equivalente, hoje, a R$ 9 milhões. Então chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas comandou a inauguração, em 1931. A iluminação seria acionada da Itália, pelo cientista Guglielmo Marconi, inventor do telégrafo sem fio, mas o mau tempo impediu a façanha e o sistema foi ligado no local.

OBRAS NAS ALTURAS

O projeto do monumento consumiu cinco anos e a construção, outros cinco



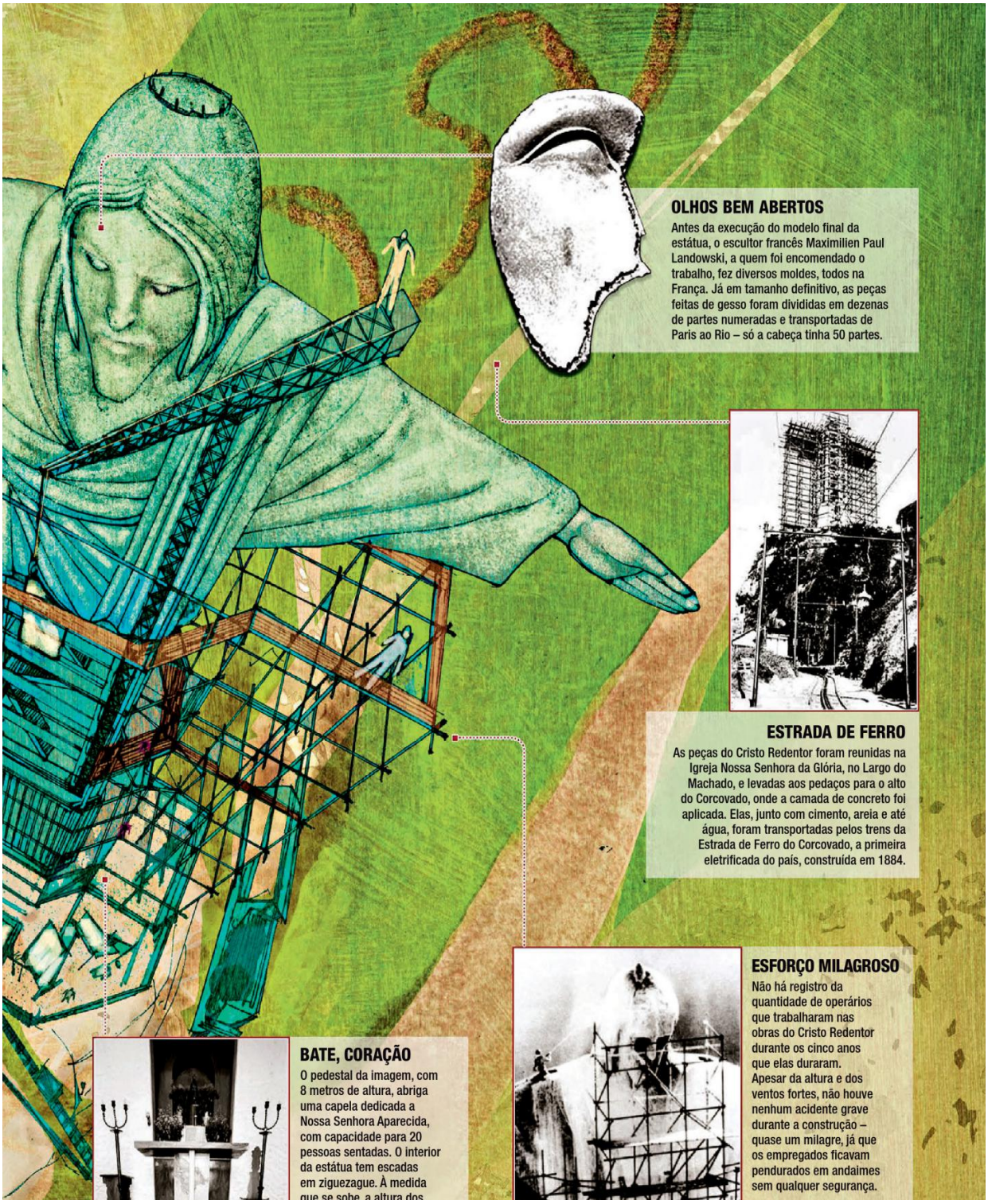
BRAÇOS ABERTOS

MOSAICO VOLUNTÁRIO

O Cristo é feito de concreto sobre uma tela de aço colocada por cima de um molde original de gesso, pedaço por pedaço. Na argamassa, usaram areia, açúcar e óleo de baleia. Para revesti-lo, mulheres voluntárias cortaram triângulos de três centímetros de tecido, sobre os quais foram colados pedaços de pedra-

No projeto original do engenheiro Heitor da Silva Costa, o Cristo estaria carregando um globo. O desenho dos braços abertos é de Carlos Oswald, que fazia parte da equipe de Heitor.

sabão – material resistente a intempéries como temporais, calor tórrido e ventos fortes.



OLHOS BEM ABERTOS

Antes da execução do modelo final da estátua, o escultor francês Maximilien Paul Landowski, a quem foi encomendado o trabalho, fez diversos moldes, todos na França. Já em tamanho definitivo, as peças feitas de gesso foram divididas em dezenas de partes numeradas e transportadas de Paris ao Rio – só a cabeça tinha 50 partes.

ESTRADA DE FERRO

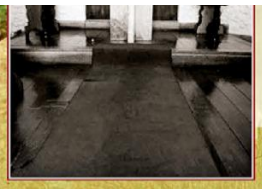
As peças do Cristo Redentor foram reunidas na Igreja Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, e levadas aos pedaços para o alto do Corcovado, onde a camada de concreto foi aplicada. Elas, junto com cimento, areia e até água, foram transportadas pelos trens da Estrada de Ferro do Corcovado, a primeira eletrificada do país, construída em 1884.

BATE, CORAÇÃO

O pedestal da imagem, com 8 metros de altura, abriga uma capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida, com capacidade para 20 pessoas sentadas. O interior da estátua tem escadas em ziguezague. À medida que se sobe, a altura dos

ESFORÇO MILAGROSO

Não há registro da quantidade de operários que trabalharam nas obras do Cristo Redentor durante os cinco anos que elas duraram. Apesar da altura e dos ventos fortes, não houve nenhum acidente grave durante a construção – quase um milagre, já que os empregados ficavam pendurados em andaimes sem qualquer segurança.



corredores diminui. Para se chegar aos braços, é preciso andar agachado. O Cristo tem um coração, instalado, claro, na altura do peito.

© INFOGRÁFICO ANTÔNIO ANDRADE, CLÁUDIA DE CASTRO LIMA, DÉBORA BIANCHI, LUIZ IRIA E FABIO OTUBO

VINGANÇA NA TELA

ALÉM DE SER VIOLENTADA, PINTORA ITALIANA PRECISOU CONVIVER COM O ESTUPRADOR LIVRE E SUA DENÚNCIA QUESTIONADA **POR IZABEL DUVA RAPOPORT**

Estuprada aos 17 anos pelo professor de arte e amigo do pai, Artemisia Gentileschi (1593-1656) demorou um ano para ter coragem de denunciar o agressor. Quando fez, teve o apoio do pai, Orazio Gentileschi (1563-1639), mas não da opinião pública – que, pela demora na denúncia, concluiu que o episódio tivesse sido consensual. Ainda assim, Agostino Tassi (1580-1644) foi condenado. A pena era deixar Roma, onde moravam, por cinco anos – o que não aconteceu na prática. Em três meses, a jovem pintora, além de ter sido violentada (e protagonista do, talvez, primeiro caso de estupro público), teve de suportar conviver com o agressor livre.

Ela também sofreu com o preconceito no mundo artístico por ser mulher – algo comum na época. Muitos de seus quadros foram atribuídos ao pai, também pintor e amigo de Caravaggio, e outros artistas masculinos. No entanto, seu talento foi visto e a tornou a primeira mulher aceita na Academia de Belas Artes de Florença – a mesma por que passou Michelangelo.

Suas pinturas mais características são inspiradas em heroínas bíblicas, como Lucrécia e Judite, temas populares na arte e no período barroco. Nelas, Artemisia costumava se retratar, incorporando a própria fúria feminina. Sua obra mais famosa, *Judite decapitando Holofernes*, mostra o momento em que a viúva, com a ajuda

JUDITE DECAPITANDO HOLOFERNES, 1615
Autora: Artemisia Gentileschi

1 A cena bíblica desta obra foi retratada por diversos artistas da época, incluindo Caravaggio, mas nenhuma versão foi tão vívida e sangrenta como a de Artemisia, em que a força física e emocional das mulheres é evidente.

2 Especialistas interpretam esta cena, que recebeu duas versões de Artemisia, sendo a mais impactante feita pouco depois do árduo julgamento, como um desejo de vingança pela agressão sofrida.

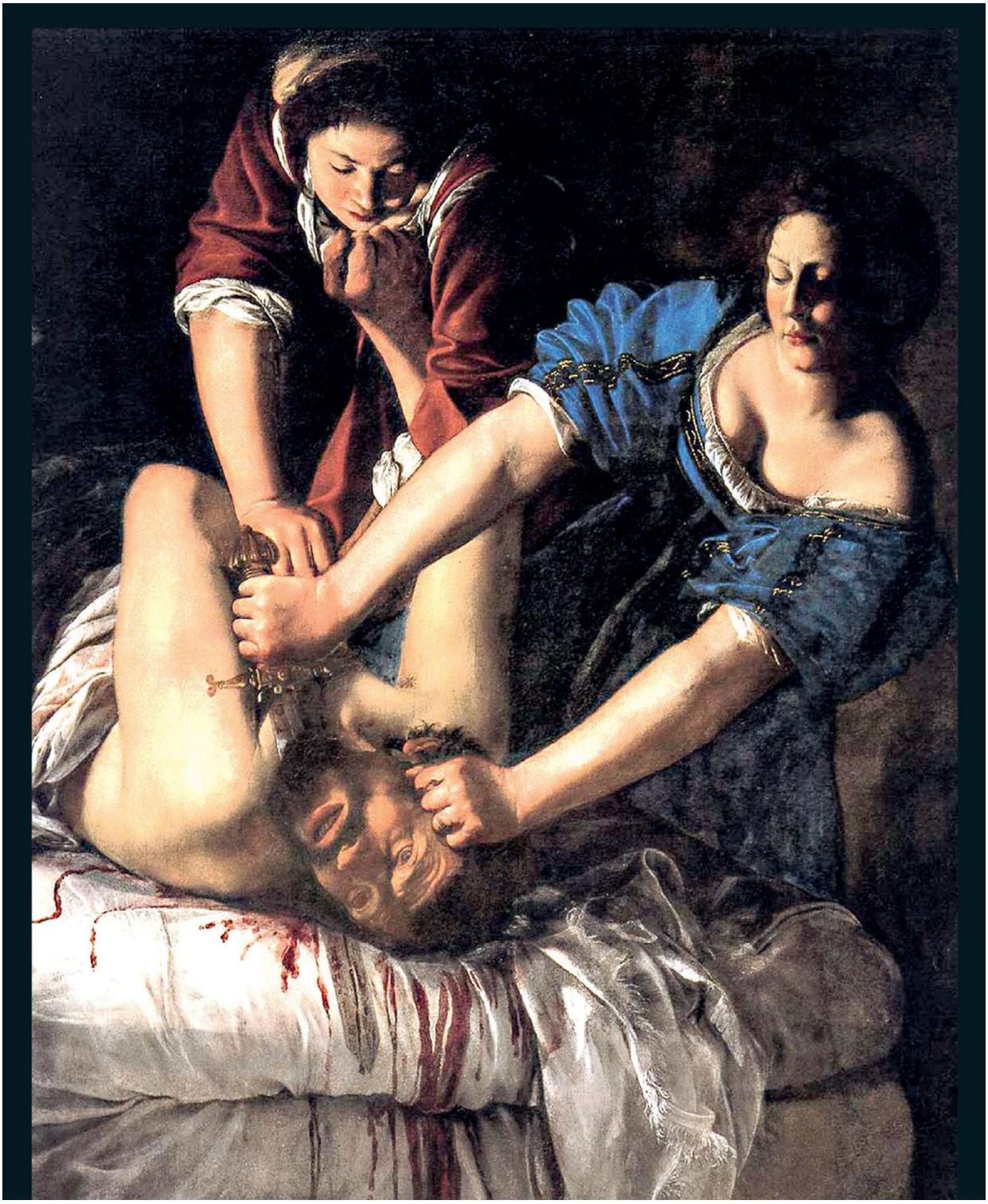
3 No livro *Mulheres Artistas da História*, Wendy Slaktin aponta a anatomia feminina mais sofisticada que a masculina, nesta e em outras obras da artista. Isso se deve às oportunidades que ela teve de estudar e pintar mulheres nuas em privado.

4 Durante a vida, Artemisia teve certa fama, porém, foi esquecida após sua morte – sendo reconhecida apenas séculos depois, na década de 1970, quando se tornou símbolo

de Abra, sua serva, corta, determinada, a garganta de um general assírio. Uma violência que, para muitos, representa também uma vingança.

Autora: Artemisia Gentileschi
Técnica: óleo sobre tela
Dimensões: 158,8 cm x 125,5 cm
Local: Museu de Capodimonte (Nápoles, Itália)

do movimento feminista, que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.



REPÚBLICA DO ACRE

ATÉ O FINAL DO SÉCULO 19, A REGIÃO ERA UM CANTO ESQUECIDO DA AMAZÔNIA QUE NÃO INTERESSAVA A NINGUÉM. MAS, COM O SURTO DA BORRACHA, SE TRANSFORMOU NUM PARAÍSO QUE, EM MENOS DE DEZ ANOS, FOI PALCO DE UMA SÉRIE DE CONFLITOS QUE QUASE LEVARAM BRASIL E BOLÍVIA À GUERRA

POR FERNANDO GRANATO

Segunda metade do século 19. O Brasil tornara-se um Império independente de Portugal. O país crescia com a agricultura para exportação, com os imigrantes que vinham para substituir os escravos e caminhava, a passos trôpegos, é verdade, em direção à República. Mas esse era o retrato do Brasil atlântico, o Brasil com vista para o mar. A 5 mil quilômetros dali, um outro país existia, um país que, de tão esquecido, estava para ser abandonado. Em 1867, dom Pedro II assinou o Tratado de Ayacucho e cedeu o território do atual estado do Acre à Bolívia. Um naco de floresta de 150 mil km² habitados por tribos indígenas e sertanejos que viviam malemal de explorar castanha, madeira e látex.

Na virada do século, no entanto, a coisa mudou. A nascente indústria automobilística americana elevou a demanda por borracha a índices estratosféricos, fazendo da exploração de látex um negócio muito atrativo. Em 1899, o governo boliviano lembrou-se de seu pedaço de floresta e resolveu abrir um posto alfandegário na vila de Puerto Alonso (a maior da região, onde hoje fica a capital do estado, Rio Branco) – e passou a cobrar taxas de extração e transporte dos seringueiros. A medida irritou os seringueiros e provocou atritos entre as autoridades e os moradores da floresta.

Nesse clima, o jornalista espanhol Luiz Galvez Rodrigues de Arias, redator do jornal *Província do Pará* e funcionário do consulado boliviano em Belém, ficou sabendo que o governo da Bolívia tinha na gaveta um projeto para arrendar o controle da região para uma empresa americana. De posse dessa informação, Galvez passou a insuflar os proprietários de seringais a se rebelarem. O grau de insatisfação era tamanho que o movimento conseguiu contagiar quase toda a população local. Apoiados pelo governador do Amazonas, Ramalho Júnior – que forneceu armas, munições e um barco especialmente equipado com um canhão, além de uma guarnição de 20 homens –, os seringueiros capturaram os poucos soldados bolivianos em Puerto Alonso e, em 14 de julho de 1899, proclamaram a República do Acre.

A nova nação formada por apenas uma cidade (Puerto Alonso, que mudou de nome para Porto Acre) tinha Luiz Galvez como presidente. Ele criou uma bandeira e até cunhou moeda própria. Galvez escolheu ministros e fez do seu bando um exército, nomeando coronéis e generais. Cuidou de rascunhar uma consti- ▶

tuição e iniciou negociações diplomáticas para o reconhecimento do Acre como uma república independente. "Pelo menos um país, a Argentina, interessada em ter um aliado na região, reconheceu formalmente a nova república", afirmou José Dourado de Souza, coautor do livro *Acre: Uma História em Construção* e diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFAC.

Para Márcio de Souza, autor de *Galvez, o Imperador do Acre*, o aventureiro espanhol era uma figura quixotesca, que conduziu uma revolução romântica apoiado por artistas e intelectuais que queriam libertar o Acre. "É incrível que aquilo tenha acontecido e obtido êxito diante das tropas bolivianas." Mas o sucesso foi curto: seis meses – o tempo que as tropas brasileiras demoraram para chegar ao Acre, capturar o Quixote da Amazônia e devolver o controle da cidade à Bolívia.

No entanto, o estrago estava feito. A ousadia de Galvez mostrou às autoridades de La Paz que eles precisariam agir se quisessem manter a soberania sobre a região. E eles queriam. E agiram depressa. Além de enviar reforços militares ao local, o governo boliviano tornou público o projeto de passar o controle do Acre para a Anglo-Bolivian Syndicate, de Nova York, uma empresa multinacional que tinha entre seus sócios o rei dos belgas e um parente do presidente dos Estados Unidos. A entidade recebeu de bandeja o monopólio sobre a produção e a exportação da borracha, além do direito de cobrar impostos e até de fazer as vezes de polícia.

A EXTRAÇÃO DO LÁTEX ATRAIU GENTE PARA O ACRE, AUMENTANDO OS ATRITOS ENTRE BRASILEIROS E BOLIVIANOS

A presença estrangeira na região acendeu fervores nacionalistas. Os brasileiros eram vistos com desconfiança e os atritos com os bolivianos passaram a ser cada vez mais frequentes. Menos de um ano depois, um novo movimento tentaria repetir o intento de Galvez: foi a chamada "expedição dos poetas", uma aventura ainda mais romântica, que reuniu intelectuais e estudantes amazonenses, liderados por Orlando Corrêa Lopes. Partindo de Manaus a bordo do vapor Solimões, eles desejavam ajudar os seringueiros a "emancipar o Acre". Sem planos e estratégias definidos, os conspiradores fracassaram e acabaram presos pelo governo brasileiro, que insistia em fazer valer o Tratado de Ayacucho.

REVOLUÇÃO

Mais experiente, o ex-militar José Plácido de Castro havia integrado as forças federais brasileiras que lutaram na revolução de 1893, no Rio Grande do Sul, e chegara à Amazônia por volta do 1900 com planos de desbravar a floresta. Logo se tornou um grande opositor do plano boliviano de arrendar o Acre aos americanos e passou a organizar os seringueiros para uma nova reação. Anos mais tarde, numas notas que escreveu a pedido do escritor Euclides da Cunha – que queria conhecer melhor a história desse conflito –, Castro relatou a gestação do movimento: "O contrato com a Bolivian Syndicate era uma completa espoliação contra os acreanos. Passei então a falar com vários proprietários de seringais da possibilidade de resistência".

As anotações de Plácido de Castro contam a tomada de Xapuri, em 6 de agosto de 1902. O lugarejo escondido na selva estava praticamente deserto, pois naquele dia se comemorava a Independência da Bolívia e a população local havia passado a noite anterior em festa. As poucas autoridades de plantão estavam alojadas em três casas no vilarejo. Os 33 rebeldes brasileiros, lide-

rados pelo ex-militar, invadiram de surpresa a vila por três lados diferentes. O líder arrombou a casa que servia de delegacia, cadeia e prefei- ▶

TREM FANTASMA

Uma estrada de ferro de 366 km no meio da Floresta Amazônica, passando sobre rios que triplicam de volume na época da chuva (o que pode durar quase metade do ano) e ligando coisa nenhuma a lugar algum parece uma péssima ideia. Se seria ruim hoje, imagine há 100 anos. Parte do acordo que colocou fim às hostilidades entre Brasil e Bolívia pela posse do Acre, a construção da ferrovia Madeira-Mamoré tinha tudo para dar errado. E deu. Desde que perdeu sua faixa litorânea no Pacífico para o Chile, durante a Guerra do Guano, em 1883, a Bolívia ficou sem saída para o mar, fundamental para uma economia baseada na exportação. Por isso, os bolivianos optaram trocar o Acre por uma ferrovia que fosse da fronteira com o Brasil ao rio Mamoré. Daí, de barco pelos rios Madeira e Amazonas, os produtos bolivianos chegariam ao Atlântico.

Em maio de 1905, o governo brasileiro abriu concorrência para a obra. Tomando por base o custo das ferrovias construídas em Minas, São Paulo e Rio, não conseguiu muitos pretendentes: apenas dois. Venceu Joaquim Catrambi, testa de ferro de um poderoso empresário americano, Percival Farquhar, que achou que poderia ganhar dinheiro explorando as riquezas naturais da região. Pelo contrato, madeira e outras coisas retiradas da floresta seriam de quem achasse. A obra começou em 1907, trabalhadores, oficinas e escritórios que, mais tarde, viraria a cidade de Porto Velho. Os empreiteiros americanos descobriram logo que o ambiente insalubre e as doenças tropicais incapacitavam os trabalhadores num ritmo mais rápido do que eles podiam avançar com os trilhos. Criaram então um processo de rodízio, no qual cerca de 500 novos empregados chegavam todos os meses para substituir os doentes. Cerca de 22 mil operários chegaram e se foram. Segundo registros do Hospital da Candelária, criado para tratar os funcionários da ferrovia, 1.593 pessoas morreram lá dentro. Somados aos que nem chegaram ao hospital, estima-se que mais de 2 mil nunca voltaram para casa. Seis anos e milhares de dólares depois, a obra ficou pronta.

No mesmo ano de 1913 a exportação de borracha da Ásia superou a da Amazônia e o preço do produto despencou. Com o tempo, a tão desejada saída para o mar passou a ser cada vez menos frequentada e ficou praticamente abandonada por quase 20 anos, até que, em 1966, foi oficialmente dasativada. “Impossível dizer quanto custou a ferrovia aos cofres públicos e quanto foi transportado nos seus anos de existência porque o Exército incinerou os documentos oficiais sobre ela”, disse Márcio de Souza, que procurou os arquivos da empresa para escrever o

Em plena estação das chuvas, 14 sujeitos abriram a mata e construíram casas para

livro *Mad Maria*. Parte dos equipamentos foi vendida ou jogada no Rio Madeira.

tura e de lá retirou armas e munição. O sujeito que administrava o local desconfiou que o movimento tinha alguma relação com os festejos na cidade. Castro, ao dar voz de prisão aos bolivianos, disse: "Isso não é festa. É a revolução".

As tropas bolivianas demoraram mais de um mês para reagir. Com apenas 70 homens e poucas armas, os revolucionários enfrentaram um batalhão com mais de 200 soldados bolivianos, em 18 de setembro. E os homens de Plácido de Castro levaram a pior. "Vinte e dois mortos deixamos no campo, dez feridos recolhemos e uns seis fugiram. Essa foi nossa estreia", escreveu.

A derrota apavorou os seringueiros e provocou muitas deserções. Mas Castro não desanimou: mandou circular entre os seringais um comunicado minimizando os efeitos do desastroso combate e prosseguiu a marcha. Em 5 de outubro, reiniciou os ataques às forças inimigas, próximo à vila de Panorama. "Empenhou-se o combate, sendo em pouco tempo tomadas duas trincheiras inimigas", anotou. A batalha durou 11 dias e os rebeldes abriram valas sob a terra e conseguiram chegar do lado dos adversários. Obrigaram o comandante das forças bolivianas, coronel Rojas, a se entregar junto com seus 150 soldados. "Os outros, em número de 30, haviam morrido."

O movimento ganhou força e adesões e, em 18 de novembro, as tropas de Castro dizimaram mais uma coluna boliviana na vila de Iquiry. O combate durou cinco horas e terminou com um incêndio nas casas dos inimigos. Às 9 horas do dia 15 de janeiro de 1903 os rebeldes chegaram a Porto Acre e à tarde já ocupavam posições a 120 metros das trincheiras inimigas. "Nossas perdas nesse dia subiram a 50, entre mortos e feridos", escreveu. Apesar das dificuldades, revoltosos adentraram a área inimiga, por rio, a bordo do navio Independência, sob uma saraivada de balas.

Depois de dez dias de cerco, Porto Acre rendeu-se. "No dia 26, por ocasião de uma revista geral passada às nossas tropas, no planalto de Porto Acre, um líder seringueiro, em nome de todos os oficiais combatentes da revolução e dos civis presentes, aclamou-me governador do Acre e comandante-em-chefe das forças", relatou.

A notícia revoltou a população boliviana, que exigiu uma resposta do governo. O presidente Manuel Pando assumiu pessoalmente o comando do Exército e marchou ao Acre. A um passo da guerra, o Brasil agiu com diplomacia e mandou o ministro das Relações Exteriores, o barão de Rio Branco, falar com os vizinhos ofendidos.

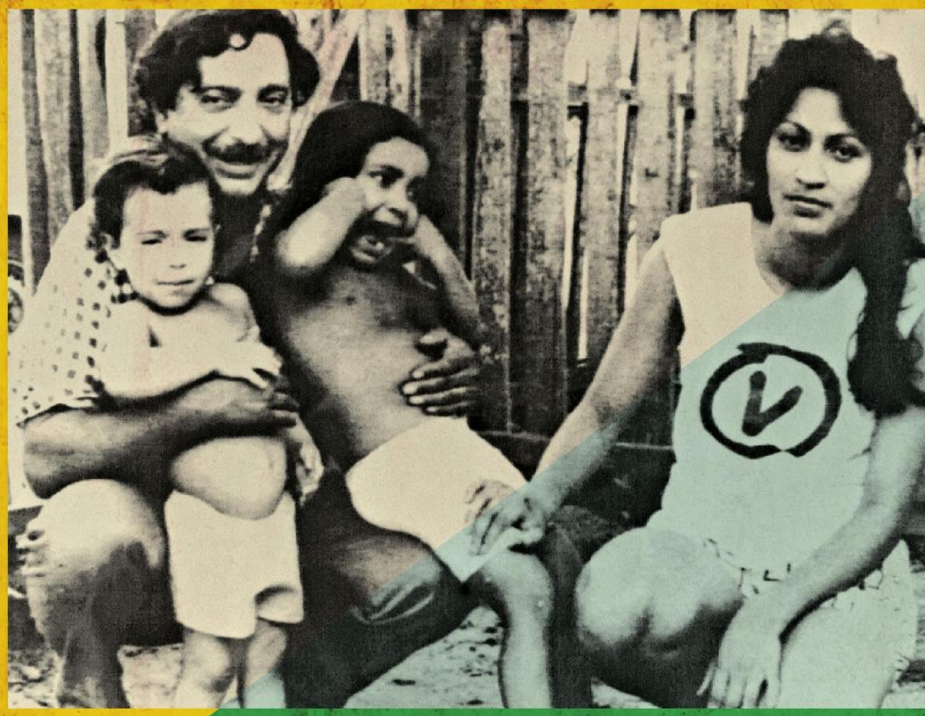
A primeira medida tomada pelo barão foi brecar a revolução dos seringueiros, que ainda estava em curso. Foi enviada ao Acre uma expedição militar que obrigou Castro a abandonar o poder. Nas suas notas, o líder guerrilheiro falou com mágoa desse momento: "Publiquei uma ordem dissolvendo o Exército acreano, visto o general brasileiro ter invadido o Acre meridional".

Contida a revolta, a diplomacia brasileira transferiu o conflito da selva para uma mesa de negociações. O local escolhido para selar a paz entre os dois países foi Petrópolis, no Rio de Janeiro. Ficou combinado que o Brasil ficaria com o Acre, rico em florestas e reservas de seringais, pelo qual pagaria à Bolívia 2 milhões de libras esterlinas. O Brasil comprometeu-se, ainda, a entregar áreas da fronteira do Mato Grosso e construir uma estrada de ferro que cortasse a selva e oferecesse à Bolívia uma saída para o oceano Atlântico (*ver quadro na página 27*). As ne-

COM CHICO MENDES, O BRASIL (E O MUNDO) ACORDOU PARA OS PROBLEMAS DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

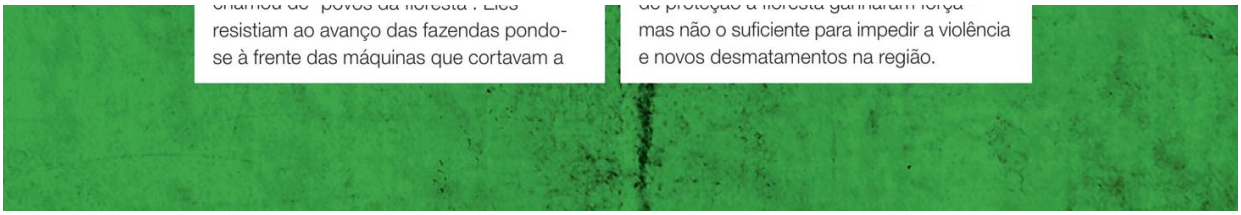
gociações, iniciadas em julho de 1903, encerraram-se quatros meses depois, com a assinatura solene do Tratado de Petrópolis. AH

CHICO MENDES: UM BRASILEIRO



A anexação ao Brasil não encerrou os conflitos pela posse da terra no Acre. Ocupada de maneira desordenada, muitas vezes às margens da lei, como boa parte da Amazônia, a região foi disputada por posseiros, índios e fazendeiros que brigaram (e se mataram) por um naco da floresta. Oitenta anos depois da anexação ao Brasil, um novo surto de ocupação do Acre revelou esse conflito para o país e o mundo. Criadores de gado chegaram à região na década de 1970, transformando floresta em pastagem. Enfrentaram a oposição dos seringueiros e de um líder: Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes. Sujeito de fala mansa e gestos delicados, conseguiu acabar com uma rivalidade de décadas, reunindo índios e seringueiros, numa comunidade que chamou de "povos da floresta". Eles

floresta. Em 1987, Chico foi condecorado pela ONU e convidado a participar da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Lá, convenceu banqueiros internacionais a não investirem numa grande rodovia no Acre, alegando que, sem precauções ambientais, ela era um atentado à floresta. O mundo já o conhecia. O Brasil não. A maioria das pessoas só soube dele depois de 22 de dezembro de 1988. Naquele dia, Chico Mendes foi assassinado na porta da sua casa, em Xapuri. O autor dos disparos foi o fazendeiro Darcy Alves Ferreira, a mando de seu pai, Darly Alves da Silva. Em 1991, pai e filho foram condenados a 19 anos de prisão. Diante da reputação internacional do ativista, o episódio atraiu a atenção da imprensa mundial e, enfim, iniciativas de proteção à floresta ganharam força –



chamou de "povos da floresta". Eles resistiam ao avanço das fazendas pondo-se à frente das máquinas que cortavam a

de proteção à floresta ganharam força mas não o suficiente para impedir a violência e novos desmatamentos na região.

CAPA

LUTERO,

500 ANOS DEPOIS

DA HERESIA

EM UM ATO MODESTO, TEÓLOGO E EX-MONGE ALEMÃO CRIOU UMA CISÃO IRREVERSÍVEL NO CRISTIANISMO, GERANDO SUA EXCOMUNHÃO PELO PAPA LEÃO X – UMA ORDEM QUE PODE SER REVOGADA NESTE MÊS PELO VATICANO

POR DIEGO ANTONELLI

Ao transpor os muros do Mosteiro de Santo Agostinho em 17 de julho de 1505, na cidade alemã de Erfurt, Martinho Lutero não imaginava que mudaria para sempre o futuro do cristianismo. Aquele jovem de 22 anos buscava uma vida consagrada para acalmar a ira de um Deus que ele acreditava ser vingativo e implacável. Era a trajetória de alguém que se sentia em débito com a força divina e que, 16 anos depois – há exatos 500 anos –, seria considerado um herege e excomungado pela Igreja Católica.

Nascido em 10 de novembro de 1483 na cidade germânica de Eisleben, Martinho Lutero foi filho de um camponês chamado Hans, que atuava como pequeno empresário na área de mineração, e de Margarete, uma dona de casa responsável por cuidar dos nove filhos. Ambos com o sonho de ver Martinho formado em Direito. Um ano após seu nascimento, levaram a família para morar na próspera Mansfeld, onde Hans trabalhava em minas de cobre.

"Martinho (cujo nome é o do santo do dia do seu batismo), foi católico de berço como quase todo mundo na Alemanha da época. Sua família era devota – embora não em demasia", conta Rudolf von Sinner, pesquisador e coordenador do curso de Teologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, ele foi um filho de seu tempo. O período, marcado pelo fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, trouxe a Martinho uma criação de visão fortemente teocêntrica. "Os pais eram bastante rudes com os filhos. A mãe estava aniquilada pelo trabalho diário de dona de casa, com uma vida precária, e foi colocando na cabeça das crianças uma série de preconceitos e superstições religiosas", diz Gerson. Assim, o mundo interior de Lutero passou a ser cada vez mais complexo e confuso.

Na infância, ele aprendeu a ler e a escrever e teve noções de latim. Aos 14 anos, foi enviado para prosseguir os estudos em Magdeburgo e, no ano seguinte, em Eisenach, onde passou a estudar em escolas mais preparadas – seus pais, como tantos outros, queriam que o filho tivesse uma vida menos sofrida que a deles.

Até que, em 1501, com a ajuda da Igreja Católica, Martinho começou a estudar na Universidade de Erfurt. "Geralmente, as famílias mais pobres se apoiavam em ordens religiosas e os pais de Lutero fizeram isso com ele. No fim, conseguiram uma vaga em uma universidade para ele estudar", explica o teólogo. No ano seguinte, o jovem graduou-se em

denador de pós-graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Para o pesquisador Gerson de Moraes, que

Artes e, em 1505, tornou-se mestre. "Martinho fez os estudos universitários básicos e, depois, seguiu para uma das faculdades superiores ▶

EM 1510, AO CHEGAR A ROMA, LUTERO SE DEPAROU COM ESCÂNDALOS QUE O FIZERAM PERDER O RESPEITO PELA IGREJA

da época (Teologia, Direito e Medicina). Como o pai queria que fosse advogado, o filho iniciou os estudos de Direito", conta Rudolf.

O PODER DE UM RAIO

No entanto, os fantasmas da infância ainda perseguiam Lutero. Aquela imagem de um Deus punitivo e castigador, decorrente do ambiente em que fora criado, permanecia viva. "Nessa perspectiva, ele começou a ter experiências místicas", comenta Gerson. Uma delas foi determinante para que ele escolhesse a vida religiosa como missão de vida: ele caminhava com um amigo pelas ruas de Erfurt quando uma tempestade castigou o céu. Diante de tantos raios que os amedrontava, Martinho fez uma promessa para Santa Ana. Se ele fosse poupado, entraria para o mundo religioso.

Essa decisão, segundo Rudolf von Sinner, "criou um profundo mal-estar na relação com seu pai. Martinho estudou Teologia, foi ordenado padre em 1507 e tornou-se doutor em Teologia pela Universidade de Wittenberg em 1512, com ênfase na *Bíblia*. Nunca deixou de ser pastor, mas foi como professor, nessa mesma instituição, que ele adquiriu notoriedade". De acordo com os pesquisadores, Lutero, mesmo adulto, parecia incapaz de abandonar por completo os ensinamentos da infância e, na ânsia de pagar os seus pecados ao longo da vida, acabava sendo severo consigo mesmo.

Lia fervorosamente a *Bíblia* e procurava de toda forma agradar a Deus. Nessa época, percebendo como aquele rapaz se relacionava com o plano divino, "o seu confessor, Johann von Staupitz, passou a ensiná-lo também sobre a misericórdia de Deus, e não apenas sobre o seu castigo", diz Rudolf. Mas as decepções oriundas da Igreja Católica ainda estavam por vir. Em 1510, Martinho Lutero foi designado pela Ordem dos Agostinianos para tratar de alguns problemas da Ordem em Roma. "Quando chegou, se deparou com um papado que correspondia a um cargo político-religioso e que estava nas mãos de determinadas famílias, como os Bórgias. Os escândalos eram tão grandiosos, que as atrocidades que ele viu em Roma, como, por exemplo, a vida devassa de padres, monges e bispos, fizeram com que perdesse o encanto e o respeito que tinha por uma instituição que havia se desviado da rota", revela o professor Gerson. Aquele Lutero que daria as caras em 1517, chocando o papa, já estava sendo gestado em 1510. ▶

A DIETA DE WORMS

Já excomungado pela Igreja Católica, Lutero teria que se apresentar diante do imperador Carlos V para se retratar e debater as suas *95 Teses*. Na época, o cidadão considerado herege teria de ser executado. Mas, como a nobreza germânica interferiu e o defendeu, a pena máxima de ser queimado vivo pela Inquisição foi evitada. Ainda assim, porém, Lutero teria de ser julgado pelo imperador romano e pelos príncipes eleitores – a chamada Dieta (uma espécie de Congresso do Império), na cidade de Worms. A caminho da Dieta, Lutero se surpreendeu ao ver o povo aclamando seu nome e chamando seus seguidores,

misericórdia e a compaixão de Deus, temas que depois se tornariam centrais para ele", relata o teólogo da PUC-PR. Soma-se a isso, as primei-

eram "martinianos", "luteranos"

ou “evangélicos”. Era abril de 1521. Lutero, questionado pelo imperador, não titubeou: disse que não poderia revogar o que havia afirmado sobre a instituição Igreja Católica. “Não poderei revogar se não for convencido por testemunhos da *Sagrada Escritura* ou por motivos racionais evidentes – pois não creio nem no papa tampouco nos concílios, e é evidente que erraram muitas vezes e se contradisseram. Minha consciência está presa à palavra de Deus e não posso e nem quero revogar qualquer coisa, pois não é sem perigo e nem salutar agir contra a consciência”, teria afirmado Lutero diante dos poderosos da Corte do Império Romano. Um salvo-conduto foi-lhe concedido para

“Mas Lutero foi ‘sequestrado’ por amigos e conduzido ao Castelo de Wartburg para garantir a sua segurança. Lá, ele traduziu o *Novo Testamento* para o alemão”, explica o coordenador de pós-graduação em Teologia na PUC-PR, Rudolf von Sinner. Em maio daquele 1521, o imperador assinou o Edito de Worms e proclamou que Lutero e seus seguidores seriam banidos do Império. Também proibiu a divulgação dos seus escritos e confirmou o julgamento papal que declarara Martinho um herege. Após passar quase um ano escondido, o ex-monge voltou a dar aulas em Wittenberg, protegido pela nobreza alemã. Em 1523, ele escreveu *Sobre a Autoridade Temporal*

retornar à sua casa sem o risco de ser preso.
e publicou o *Novo Testamento* em alemão.

REFORMA NO MUNDO

A luta por uma reforma dentro da Igreja Católica já existia antes de Martinho Lutero. Os religiosos Pedro Valdo, João Hus e João Wycliffe, por exemplo, foram alguns dos nomes que ousaram propor novas feições ao catolicismo, questionando a autoridade papal. Valdo foi excomungado e Hus morto na fogueira da Inquisição.

Com a Reforma em andamento devido à atuação de Lutero, as novidades no seio cristão começaram a se espalhar gradativamente pela Europa. Os reflexos da Reforma inicialmente se concentraram no território alemão, mas logo se espalhou por toda a Europa Central, seguindo para o Norte e o Oeste. O Sul – Espanha, Portugal, mas também a França – se manteve firmemente católico, e o Leste, ortodoxo. "Havia elementos políticos nisso, mas também de convicção de fé e filosofia, valorizando cada vez mais o indivíduo crente sobre a instituição e sua tutela", explica o pesquisador Rudolf von Sinner.

A conquista da América, especialmente da América do Norte, ajudou a disseminar o protestantismo mundo afora – permitindo uma Igreja aos cristãos, além da católica. "Uma grande lição deixada por Lutero é a de não se dobrar diante de um poder religioso despótico, como era naquela época, em que a maldade era feita em nome de Deus", ressalta o pesquisador Gerson de Moraes, professor de Teologia

que compreende países como Itália,

da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

INDIGNADO COM AS INDULGÊNCIAS DO PAPA EM TROCA DE DINHEIRO, LUTERO PUBLICOU SUA CRÍTICA EM 95 TESES

A GOTA D'ÁGUA DA FRUSTRAÇÃO

As cenas presenciadas em Roma atormentaram e incomodaram Martinho Lutero, que se tornava cada vez mais crítico em relação à instituição da Igreja Católica. Ele passou, aos poucos, a ver a Igreja como um sistema demasiadamente fechado e pouco bíblico. Nessa mesma época, ele já se destacava no ambiente acadêmico e religioso. "Lutero passou a ficar conhecido e era o teólogo mais importante da Universidade. Pregava regularmente e seus sermões eram impressos e divulgados", conta o professor Rudolf. A gota d´água para que Lutero tomasse alguma iniciativa em relação à Igreja aconteceu justamente em 1517. Nesse ano, o papa Leão X passou a adotar o sistema de indulgências dentro da Igreja Católica. A verba arrecadada junto aos fiéis seria destinada à construção da nova basílica de São Pedro, em Roma. Em contrapartida, o papa concedia a chamada "indulgência", que era a remissão total ou parcial dos pecados. Na prática – e na visão frustrada de Lutero –, o pecador comprava seu perdão divino. "As cartas de indulgência prometiam redução do tempo no purgatório – área intermediária entre o céu e o inferno, onde pessoas ainda não prontas obtiveram a chance de provarem-se dignas do céu – para si mesmo ou para outras pessoas", explica.

Diante desta situação, Martinho argumentou que não cabia ao papa decidir sobre as penas além da morte. Para ele, a importância da penitência, que deveria ser para a vida inteira, não era no pagamento para comprar a liberação das penas, mas no arrependimento – e o único que podia perdoar era Deus. Indignado com a situação, o jovem religioso publicou, no mesmo ano, suas famosas *95 Teses*, nas quais criticava as indulgências do papa Leão X. Elas foram pregadas na porta da igreja do castelo de Wittenberg, à vista de todos e, depois, impressas e distribuídas Europa adentro. Três anos depois, por volta de 1520, as *95 Teses* e outros textos de Lutero criticando a Igreja Católica já tinham alcançado a tiragem de 600 mil exemplares.

ROMPIMENTO OU REFORMA?

As *95 Teses* foram escritas para ser uma espécie de diálogo acadêmico com o seu bispo. Não era para virar um debate público. Todavia, ao serem impressas e divulgadas, acabaram tornando-se o marco zero da Reforma Protestante. "Mas vale

Depois de Martinho Lutero, vieram Ulrico Zuínglio e João Calvino, entre tantos outros homens que deram prosseguimento à Reforma Protestante pelo mundo. Na década de 1520, por exemplo, o padre Ulrico Zuínglio já havia lançado na Suíça um ataque às indulgências do papa Leão X e defendia a supremacia da *Bíblia* sobre as autoridades eclesiásticas. Não à toa, ele se tornou um dos líderes políticos de Zurique e acabou com a veneração de imagens de santos, contribuindo para que a Reforma Protestante chegasse a novos fiéis. Já em 1536, o advogado João Calvino refugiou-se em Genebra, na atual Suíça, e intensificou a reforma iniciada por Lutero. Desde então, as igrejas protestantes foram

tomando força século após século.

ressaltar que Lutero não queria esse rompimento. Ele lutou pela reforma interna da Igreja Católica", afirma o professor Gerson de Moraes. ▶

O OBJETIVO DE LUTERO NÃO ERA ROMPER COM A IGREJA CATÓLICA, MAS LUTAR POR UMA REFORMA DENTRO DA INSTITUIÇÃO

No entanto, ao divulgar publicamente suas críticas às atitudes adotadas pela Igreja Católica, Lutero mexeu com o poder da Cúria, representada pelo papa e pelos bispos, que à época eram donos de grandes propriedades e arrecadavam muito dinheiro. Ou seja, pertenciam a uma das castas sociais mais poderosas daqueles tempos. "Também pareceu como insubmisso ao criticar o papa", completa Rudolf von Sinner.

No início, essas críticas chegaram a ser tratadas de maneira até despretensiosas pela cúpula da Igreja, mas, a partir do momento em que as pessoas se interessaram pelo que Lutero propunha e a veiculação dessas teses se multiplicavam, a Igreja de Roma precisou tomar alguma iniciativa. Em 1518, a instituição abriu um processo por heresia contra Lutero e, dois anos depois, exigiu que ele se retratasse sem admitir fazer qualquer diálogo – como o próprio religioso havia pretendido a partir das suas teses. A esta altura, ele já havia abandonado de forma gradativa a visão de um Deus punitivo e havia descoberto, em seus estudos, um Deus gracioso e amoroso. Também já havia publicado três artigos que conclamavam pela reforma da Cúria, pela supressão do celibato eclesiástico e pelo fim dos privilégios do clero. "Martinho Lutero foi ameaçado de excomunhão e, mesmo assim, não se retratou. Dizia que somente se retrataria caso fosse provado estar errado na base da *Bíblia*. No final do prazo que fora dado a ele, queimou livros da igreja, como o *Código de Direito Canônico* e, assim, simbolicamente, excomungou o papa", conta o teólogo Rudolf.

Pouco tempo depois, nos primeiros dias de 1521 – há cinco séculos –, Lutero deu seus últimos tomaram –, Lutero foi excomungado como um herege no dia 3 de janeiro, por meio da bula papal *Decet Romanum Pontificem*.

ESCAPOU DA FOGUEIRA

O alemão, ao ser excomungado, escapou por pouco da fogueira como forma de punição. Entre os tantos devotos que queriam ver Lutero queimando vivo, estava o monge dominicano Johann Tetzel, um dos responsáveis por cobrar, graciosamente, as indulgências da Igreja. Para os fiéis, ele dizia: "quando o dinheiro cair na caixinha, o Céu estará recebendo a sua alminha".

Porém, a proteção da nobreza germânica e o amplo apoio do povo alemão a Lutero foram ▶

A VIDA DE LUTERO

1483
Nasce em Eisleben, na Alemanha.

1484
Seus pais, Hans e Margarethe Luther, mudam-se para Mansfeld, onde Hans trabalha em minas de cobre.

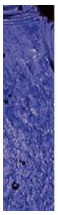
1497
Estuda em Magdeburgo e no ano seguinte em Eisenach.

1501
Ingressa na Universidade de Erfurt e no ano

1505
Conclui o mestrado em Erfurt e começa a estudar Direito. Ingressa na Ordem dos Agostinianos, também em Erfurt.

1507
É ordenado e celebra a primeira missa. No ano seguinte, leciona em Wittenberg.

1510
Visita Roma e se decepciona com a Igreja Católica.



mos passos dentro da Igreja Católica. Como não se retratou e não compareceu em Roma para se desculpar – e diante da alta repercussão que os

seguinte recebe
o grau de bacharel.

1512
Torna-se doutor em Teologia e no ano seguinte começa a lecionar na Universidade de Wittenberg.

1517
Afixa as *95 Teses* sobre as indulgências.

1520
A bula papal *Exsurge Domine* lhe dá 60 dias para retratar-se ou ser excomungado. Queima a bula papal e um exemplar

1521
É excomungado pela bula *Decet Romanum Pontificem*, de Leão X. Em abril, na Dieta de Worms, recusa renegar os seus escritos, se escinde e começa a traduzir o *Novo Testamento* para o alemão.

1522
Em março, deixa o seu esconderijo e retorna a Wittenberg.

1524
Explode a Revolta dos Camponeses. Condena o movimento e apoia os príncipes e nobres.

1525
Casa-se com Katharina von Bora, ex-freira.

1526
Nasce o seu filho Hans.

1527
Luta contra enfermidades e intensa depressão. Nasce a sua filha

1529
Nasce a filha Madalena. Dois anos depois, nasce o filho Martin.

1533
Nasce o filho Paulo. No ano seguinte, publica a *Bíblia Alemã* completa e nasce sua filha Margarete.

1542
Redige o seu testamento e morre sua filha Madalena.

1546
Morre no dia 18 de

da lei canônica.
Elizabete.
fevereiro em Eisleben.
E sua esposa em 1552.

CAPA

GUERRAS ENTRE CATÓLICOS E LUTERANOS

A Reforma iniciada por Lutero não teve controle algum (o próprio Lutero foi incapaz de prever as consequências de seus atos). Nessa época, a nobreza germânica queria romper com a Igreja Romana e tomar suas terras e riquezas. Era um período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Segundo o professor Gerson de Moraes, vários fatores sociais e políticos tiveram influência para que a Reforma tivesse êxito. "Havia a ascensão de uma burguesia comercial que precisava se aliar com o poder que mais se fortalecia naquela época: os monarcas. Essa era uma forma de enterrar, aos poucos, a velha ordem feudal", conta. Também já começava a surgir um mercado europeu que envolvia banqueiros, artesãos e seus próprios negócios comerciais. E, enquanto a nobreza alemã almejava tirar o poder dos papas, cardeais e arcebispos, uma boa parcela de camponeses, por exemplo, via a reforma como uma chance de corrigir injustiças do sistema feudal. Dessa forma, a Reforma de Lutero uniu diversos interesses que permeavam a sociedade europeia do século 16 e, neste contexto, como consequência ao luteranismo, aconteceu nos anos 1520 a "Reforma Radical", um movimento que buscava criar uma sociedade mais justa e que deu origem a vários grupos protestantes pela Europa. Engana-se, no entanto, quem pensa que a disseminação do protestantismo foi pacífica. Diversas guerras e batalhas entre católicos e

comerciantes que queriam se livrar das amarras políticas e religiosas para realizar

luteranos tomaram conta do continente. Em 1526, chegou a ser aprovada pelo regime

A NOBREZA ALEMÃ PERCEBEU QUE LUTERO PODERIA LIMITAR O PODER POLÍTICO DA IGREJA CATÓLICA E RESOLVEU APOIÁ-LO

determinantes para que ele não fosse vítima da Inquisição – termo usado para designar um conjunto de práticas de torturas e punições adotado pela Igreja Católica entre os séculos 13 e 19 para punir os hereges (uma das penas mais praticadas era ser queimado vivo na fogueira). Criada em 1233 pelo papa Gregório IX, o objetivo das práticas era reprimir a heresia. Anos depois, em 1542, o papa Paulo III reorganizou a Inquisição, que passou a se chamar Santo Ofício.

"A nobreza alemã foi a primeira a perceber que Lutero tinha em mãos um material do qual poderia se aproveitar para limitar o poder político de Roma e da Igreja Católica. Sem esse apoio, dificilmente a Reforma teria tido êxito", explica Gerson. Nesse período, o território alemão pertencia ao Sacro Império Romano-Germânico – uma tentativa de recriar o Império Romano do Ocidente que havia deixado de existir em 476. Lutero contava, por exemplo, com o apoio de Frederico III, o Sábio, príncipe-eleitor da Saxônia.

IMAGENS GETTY IMAGES E WIKIMEDIA COMMONS

imperial uma política de tolerância com os luteranos, mas, em 1529, esse artifício conciliatório foi anulado. Com isso, os líderes luteranos fizeram um protesto contra a decisão – fato que, apontam historiadores, deu origem ao nome "protestantes". Em 1546, o imperador Carlos V, por exemplo, foi à guerra contra os territórios que apoiavam Lutero. O conflito continuou até 1555, quando uma assembleia especial do Império se reuniu e fez um acordo chamado Paz de Augsburgo – segundo o qual a nova igreja seria permitida. Apesar dessa medida, nos 100 anos seguintes a Europa continuou sendo palco de muitas guerras religiosas. Lutero, contudo, não viveu para assistir a toda consequência de suas façanhas. Casado com

NOVA IGREJA

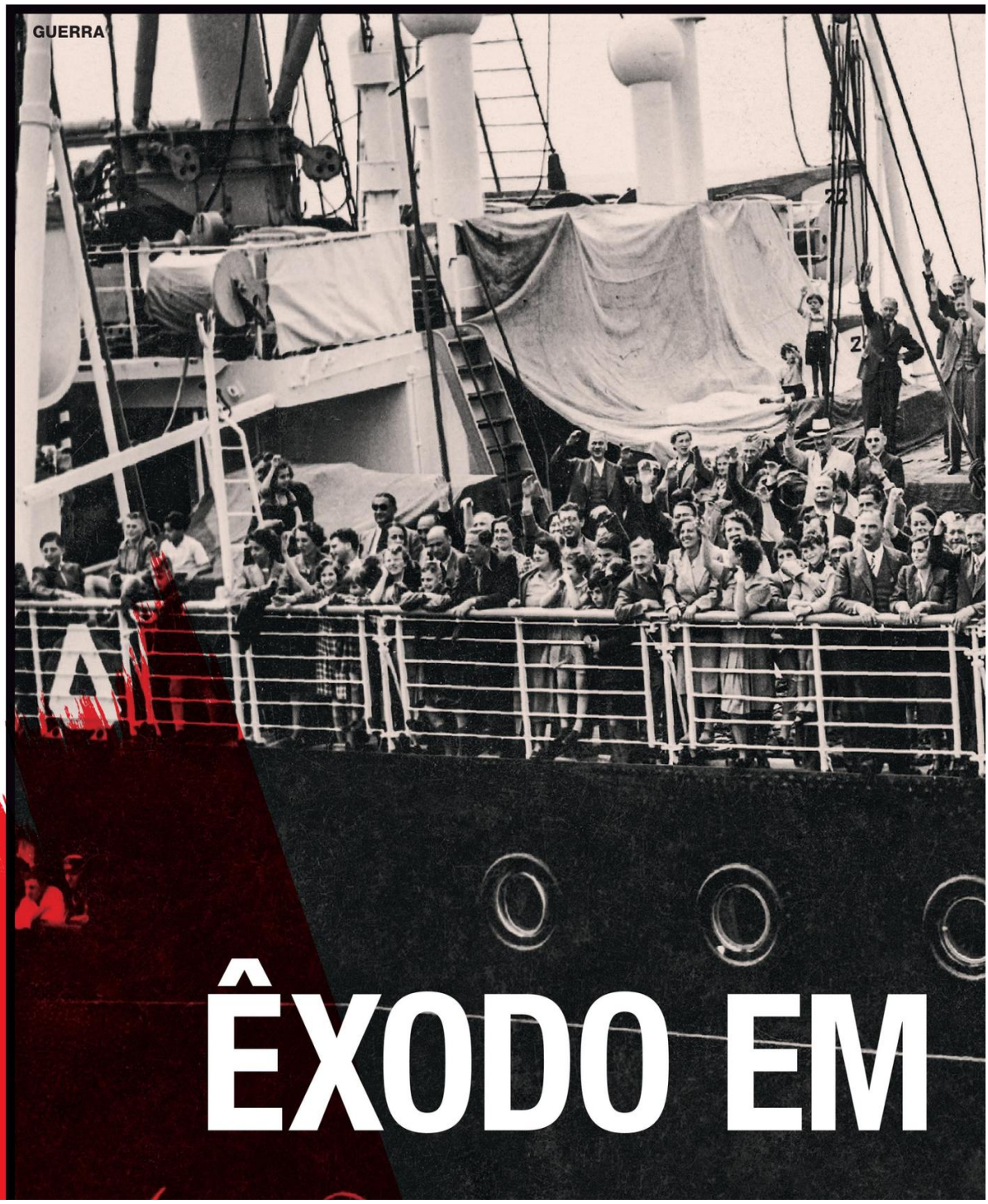
A excomunhão de Lutero fez brotar o início de uma nova Igreja. Em pouco tempo, o protestantismo liderado pelo jovem alemão conseguiu a façanha de acabar com o monopólio de disseminação da fé cristã, que pertencia à Igreja Católica. Lutero traduziu a *Bíblia* dos originais hebraico e grego para o vernacular alemão, permitindo ao povo acessar as Sagradas E scrituras. "Tudo na Igreja Católica acontecia em latim, o que era falado por apenas 8% da população na época", comenta Rudolf von Sinner.

Martinho ainda lutou por uma escola pública e universal, para meninos e meninas – uma revolução para o período. E procurou também, diante da nova igreja, democratizar o processo de fé. Até então, os monges católicos eram considerados cidadãos de primeira classe do Reino de Deus, enquanto os demais eram de segunda classe. "Lutero mudou isso radicalmente, insistindo na vocação de cada uma e cada um em qualquer profissão que seja", afirma. Nada mais do que o "sacerdócio de todos os crentes", princípio bíblico incorporado pela Igreja Católica 450 anos depois, no II Concílio Vaticano.

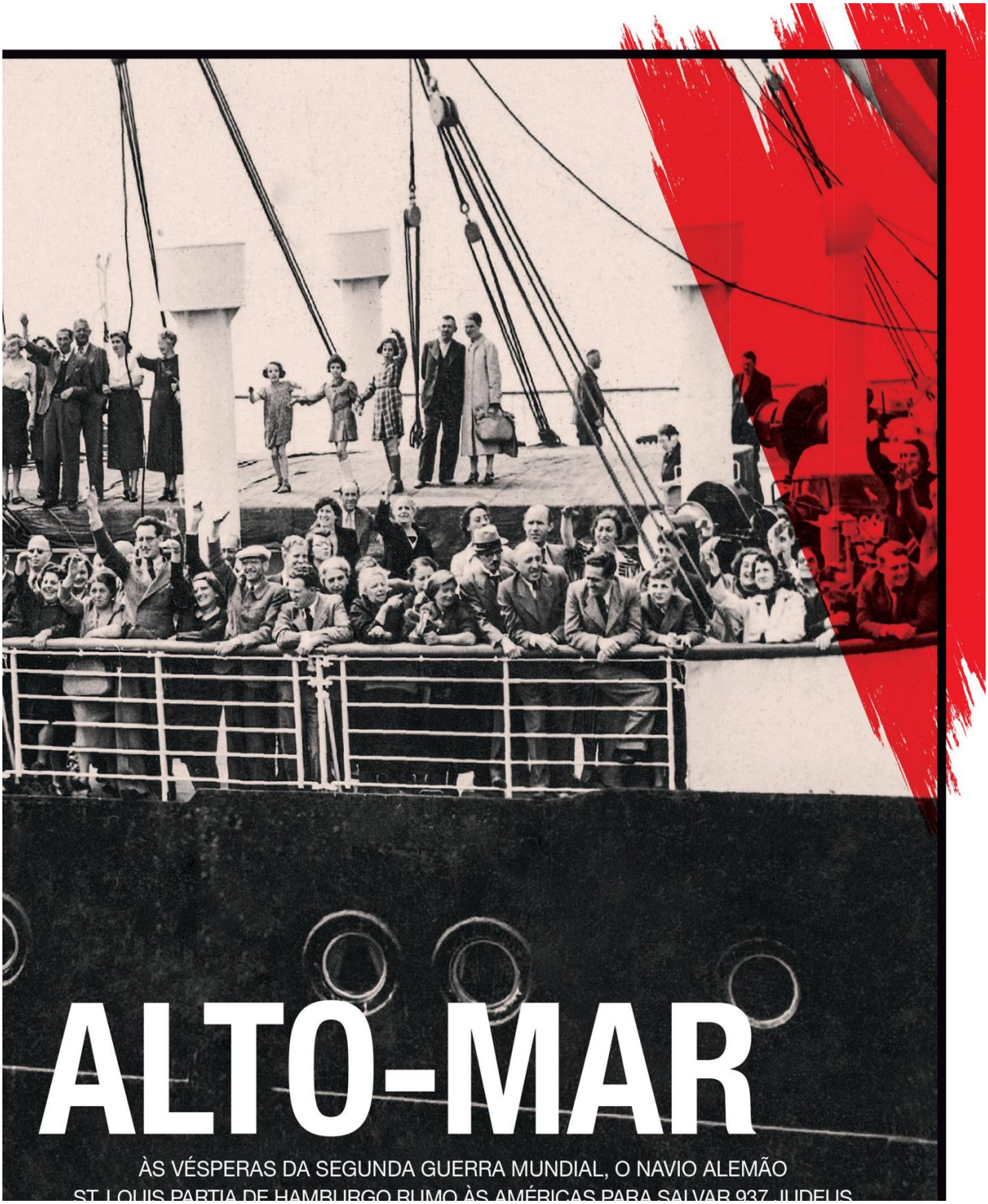
Apesar dos avanços, a reforma luterana deixou uma cicatriz no mundo religioso que teima seguir com o tempo. Há chance, porém, de ela finalmente ser retratada depois de cinco séculos. Teólogos cogitam que, num gesto ecumênico e de união, a Igreja Católica possa revogar a ex-

a ex-freira Katharina von Bora, ele morreu em Eisleben, sua terra natal, em 1546.

comunhão de Martinho Lutero, reforçando os laços que unem a fé cristã e, de certo modo, assumindo os erros do passado. AH

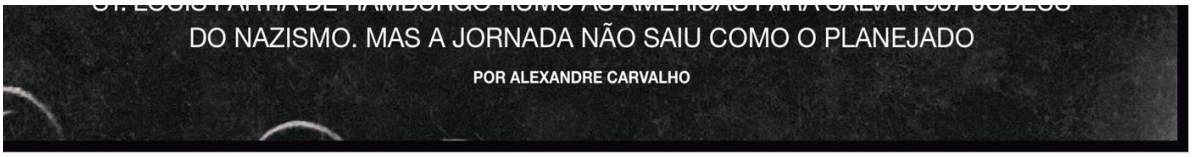


ÊXODO EM



ALTO-MAR

ÀS VÉSPERAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, O NAVIO ALEMÃO
ST. LOUIS PARTIA DE HAMBURGO RUMO ÀS AMÉRICAS PARA SALVAR 937 JUDEUS



DO NAZISMO. MAS A JORNADA NÃO SAIU COMO O PLANEJADO

POR ALEXANDRE CARVALHO

Lore Dublon (*no centro, com saia xadrez*) e sua família no convés do MS St. Louis, em 1939

A menina de 10 anos veste uma saia xadrez, sandália do tipo melissa e sorri para a câmera, em preto e branco, acompanhada de oito familiares – incluindo uma garotinha mais nova, que talvez tenha a metade da sua idade, talvez seja sua irmã. A alegria não está só no seu rosto, aliás: todos na foto aparentam sentimentos que ultrapassam o protocolar sorriso de retrato. Adivinham-se ali otimismo, tranquilidade e um certo alívio. O cenário é o convés de um navio, à frente de um barco salva-vidas. Os homens vestem ternos brancos, a família parece ter dinheiro. O vento marítimo descabela uma mulher jovem, mais ao fundo.

Tudo indicaria uma viagem a passeio, um cruzeiro em família, não fosse a legenda que nos informa a identidade da nossa menina de 10 anos: "Meu nome é Lore Dublon. Em 1939, eu fugi do meu país à procura de segurança nos Estados Unidos. Mas não me deixaram entrar. Então fui assassinada em Golleschau".

Outra foto em P&B mostra um menininho de 2 anos, bem protegido do frio, com casaco, gorro e cachecol. Ele pilota seu triciclo, observado pelos pais, num conjunto que tem sua harmonia quebrada pela legenda quase idêntica à anterior: "Meu nome é Werner Stein. Em 1939, eu fugi do meu país à procura de segurança nos Estados Unidos. Mas não me deixaram entrar. Então fui assassinado em Auschwitz".

Golleschau pode não ser um nome tão conhecido, mas Auschwitz não deixa dúvidas: é de campos de concentração nazistas que estamos falando. Essas e outras fotos – emprestadas do Museu do Memorial do Holocausto, dos EUA – estão publicadas no perfil "St. Louis Manifest", que nasceu no Twitter em janeiro de 2017, no dia seguinte ao decreto do presidente Trump que barrava a entrada nos EUA de imigrantes vindos de alguns países muçulmanos: Irã, Iraque, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen.

Werner Stein, com os pais, antes de ser rejeitado em Cuba, Estados Unidos e Canadá - e consequentemente assassinado

Para criticar, por analogia, o veto migratório que recusa abrigo a gente que foge de guerras, Estados homicidas e intolerância, o educador e

ativista judeu Russel Neiss dedicou esse perfil a outro evento histórico com o mesmo ponto de partida – e as mesmas consequências: a infeliz jornada do transatlântico MS St. Louis, que partiu de Hamburgo às vésperas da Segunda Guerra Mundial, rumo às Américas, levando a criança Lore Dublon, o bebê Werner Stein e mais 935 passageiros judeus, que fugiam do racismo e da truculência nazista.

EXPULSOS DE CASA

O genocídio conhecido como Holocausto, em que o governo alemão assassinou cerca de 6 milhões de judeus, só começou mesmo em 1941, quando as câmaras de gás entraram em ação. Mas isso não significa que judeus já não viessem sendo mortos e perseguidos na Alemanha nazista. Com a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, seu ódio pela comunidade judaica foi aos poucos virando política de Estado, com uma sequência de leis que cancelavam os direitos dos judeus e, na prática, tornavam sua existência inviável sob qualquer perspectiva.

Em sua autobiografia, a judia alemã Renate Breslow conta como sua infância foi afetada pelo crescente antissemitismo no país – que vinha do governo, mas que obteve uma adesão eufórica de grande parte da população. Em 1935, o Parlamento aprovou uma lei segundo a qual os não judeus estavam proibidos de fazer qualquer compra em lojas de judeus – uma restrição que arruinou a vida financeira de Renate. Outra lei racista proibiu que crianças judias frequentassem escolas públicas – o que fez com que a pequena, que estava na primeira série, se visse privada de educação formal e de todas as amizades de infância. Mas nada traumatizaria tanto a sua família quanto a onda de violência antissemita nos dias 9 e 10 de novembro de 1938: a *Kristallnacht*.

A "Noite dos Cristais" recebeu esse nome como uma referência aos cacos de vidro – das vidraças dos estabelecimentos comerciais de

O ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA VINHA DO GOVERNO, MAS COM MUITO APOIO DO POVO

contra uma minoria. O linchamento em massa foi instigado por membros do Partido Nazista e pela milícia paramilitar que apoiava o governo (a SA). As lojas dos judeus foram destruídas, não antes que suas mercadorias fossem saqueadas. Centenas de sinagogas foram incendiadas – os bombeiros foram instruídos a apenas impedir que o fogo se alastrasse para edificações vizinhas. Mais de 90 judeus foram assassinados covardemente nesses dois dias.

"Depois da *Kristallnacht*, não havia um judeu na Alemanha que não quisesse fugir do país", lembrou, numa palestra em 2013, a mesma Renate Breslow, agora uma senhorinha, vivendo confortavelmente na Pensilvânia, EUA. Se ela sobreviveu ao nazismo para contar sua história ao mundo, foi porque seus pais decidiram fazer o que o bom senso mandava: ir para longe de Hitler. Ela só não imaginava que a estratégia de sua família, e de centenas de outras que embarcaram no transatlântico St. Louis, no dia 13 de maio de 1939, fosse virar uma aventura marcada pelo fracasso da solidariedade.

QUANTO MAIS LONGE, MELHOR

Com o avanço frenético da violência contra a comunidade judaica na Alemanha, o início de 1939 viu uma procura desesperada de judeus por novos lares. Um destino que parecia convidativo eram os Estados Unidos, que tinha o Oceano Atlântico separando sua população dos nazistas – e onde havia comunidades de judeus desde os tempos em que o país ainda era colônia

judeus – que cobriram as ruas da Alemanha após esse *pogrom* – termo iídiche que significa uma série de pilhagens, agressões e assassinatos dos ingleses. Nos anos 1930, eles tinham importância política na cidade de Nova York e apoiavam o *New Deal*, a série de reformas estrutu- ▶

rais do presidente Franklin D. Roosevelt. Em 1939, os EUA tinham até um judeu na Suprema Corte. Parecia, sim, um lugar seguro.

Para entrar nos EUA, no entanto, não era tão fácil. Havia cotas de imigração, e a fila para se estabelecer no país podia levar de um a cinco anos. Os judeus alemães, com os nazistas nos calcanhares, não tinham esse tempo todo. Então muitos concluíram que uma temporada na vizinha Cuba seria ideal para refazer a vida enquanto lidavam com a burocracia americana.

No fim do século 19, negociantes judeus vindos dos EUA começaram a residir na ilha caribenha, atraídos pelas oportunidades ligadas à importação e exportação de açúcar e tabaco. Já os imigrantes europeus passaram a chegar nos anos 1920, formando uma comunidade de 24 mil judeus, muitos deles trabalhando na indústria de tecido. Parte significativa dessas pessoas estava usando a terra dos charutos como trampolim para uma estadia definitiva nos EUA, mas o Ato de Imigração americano, de 1924, criando cotas que restringiam a entrada de refugiados europeus e asiáticos, acabou mudando os planos dessas famílias, que se resignaram a fixar residência em Cuba mesmo. Considerada a questão logística e burocrática, seria para Havana, então, que os passageiros do St. Louis rumariam, partindo de Hamburgo. Alguns tinham até familiares que já moravam em Cuba há anos. Só podia ser um lugar seguro.

IDÍLIO NO OCEANO

Os nazistas não estavam muito preocupados em segurar seus judeus – pelo contrário, a fuga em massa facilitava a limpeza étnica hitlerista. Mas isso não queria dizer que os nazis fossem deixar o êxodo sair barato. Autorizações de partida eram vendidas por fortunas. Sem expectativa de voltar à companhia do Führer, não foram poucos os judeus que venderam tudo o que tinham. Esses eram os "sortudos" – os que possuíam algo para negociar. Os que não podiam comprar sua ida tiveram de lidar diariamente com a fúria nazista – o que quase sempre significava a morte.

NO NAVIO, JUDEUS QUE PERDERAM OS DIREITOS NA ALEMANHA TIVERAM

A bordo do St. Louis, no entanto, estavam os que podiam. A maioria dos passageiros era de judeus de posses. Tanto que a embarcação era um luxuoso transatlântico, com oito deques, piscina para adultos e crianças. No navio, judeus que haviam perdido todos os seus direitos na Alemanha tiveram semanas de renascimento. "Eles nem podiam comprar jornais, não podiam se sentar nos bancos das praças... tinham uma vida muito limitada em seu país, mesmo que alguns deles fossem ricos", explica o jornalista cubano Armando Lucas Correa, autor de *A Garota Alemã*, romance histórico baseado na viagem do St. Louis. "Dentro do navio, eles tiveram suas vidas de volta." O dia a dia em alto-mar era de jantares refinados, música e atendimento cordial.

Foi nesse clima de paz e grandes expectativas que a menina Lore Dublon foi fotografada, sorrindo, com sua família. E foi no deque do St. Louis que Renate Breslow contava os dias para reencontrar seu pai, que já estava em Havana. Mas o idílio estava prestes a terminar.

A PRIMEIRA REJEIÇÃO

O pai de Renate estava tão ansioso pela chegada de sua esposa e filha que passou a noite no porto de Havana. Assim que o St. Louis se aproximou da cidade, ele arrumou um barquinho para chegar perto do navio e acenar para a parte da sua família que estava a bordo. Trocaram sorrisos e gritos de felicidade, enquanto a tripulação preparava o desembarque. Os demais passageiros também já estavam com suas bagagens arrumadas quando veio o balde de água fria. Havia

NA ALEMANHA TIVERAM SUAS VIDAS DE VOLTA

algum problema burocrático, e o desembarque ainda não estava autorizado.

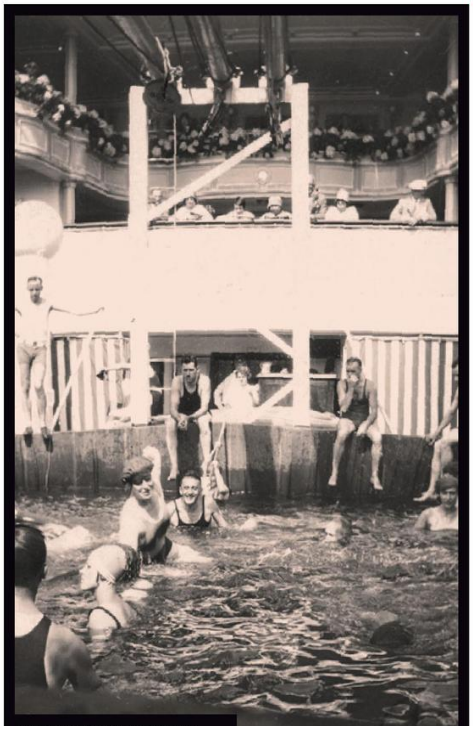
"Quando chegamos a Havana, a imigração

subiu ao navio. Eles foram muito educados e gentis. Mas aprendi minha primeira e única palavra em espanhol: '*mañana*' ['amanhã']. Tudo ficava para amanhã", contou o sobrevivente Gerald Granston, em depoimento à BBC, quando já era um octogenário, em 2017. Na época em que cruzou o Atlântico fugindo dos nazistas, esse alemão era um menino de 6 anos, que experimentou o horror extremo a bordo daquele navio.

De fato, o que os passageiros mais ouviam é que a questão se resolveria no dia seguinte, e no seguinte, e no outro... O imbróglio era este: os viajantes subiram a bordo do St. Louis com autorizações emitidas pelo diretor-geral de Imigração cubano, Manuel Benitez. Só que a iminente chegada de quase mil judeus havia enfurecido a opinião pública no país latino-americano. Cuba já havia admitido 2.500 judeus europeus, e muitos achavam um disparate ter mais estrangeiros que iriam competir com a mão de obra nacional pelos poucos empregos à disposição – vale lembrar que, em 1939, Cuba ainda sofria as consequências do *crash* da bolsa americana, que arrasara as economias do planeta dez anos antes. Então uma manifestação antissemita juntou 40 mil pessoas contra o acolhimento dos refugiados. E o governo cubano desfez o acordo. Só puderam desembarcar 22 judeus alemães, porque já tinham vistos de entrada para os EUA.

Quando os mais de 900 restantes descobriram a proibição, um misto de frustração e pânico tomou conta do navio. O menino viu à sua frente um adulto cortar os pulsos e se atirar no mar, desesperado. "Se fechar meus olhos, ainda posso ouvir seus gritos e ver o sangue", ele disse à BBC. O que fazer, então? Já que o atalho para o território americano estava bloqueado, ficou decidido que iriam direto para seu alvo principal. Afinal, não eram os EUA a terra das oportunidades?

Autorizações de partida eram vendidas por fortunas. Por isso, a maioria dos passageiros do St. Louis era de judeus de posses



O "NÃO" DE ROOSEVELT

Em 1939, a cota de imigrantes nos EUA prove-

nientes da Alemanha e Áustria era de 27.370 pessoas – e já estava preenchida. Então, quando o transatlântico St. Louis se aproximou de Mia- ▶

A embarcação era um luxuoso transatlântico, com oito deques, piscina para adultos e crianças, música e atendimento cordial

Os viajantes tinham autorizações emitidas pelo diretor-geral de Imigração cubano, Manuel Benitez

ALÉM DE CUBA, OS EUA E O CANADÁ TAMBÉM NEGARAM ABRIGO AOS JUDEUS REFUGIADOS

mi, o governo americano se viu diante da seguinte questão: por que aceitaria aqueles refugiados se havia tantos aguardando a vez? A resposta poderia ser: porque, se eles tivessem de voltar para a Alemanha, seriam mortos imediatamente. Aceitá-los era uma questão de benevolência, não de burocracia. Só que os motivos da ocasião iam muito além dos trâmites imigratórios.

A Grande Depressão dos anos 1930 abriu a caixa de pandora do pior da natureza humana. A América, na ressaca de pagar a conta da abundância dos loucos anos 1920, estava disposta a tudo para proteger seus empregos, e esse tudo incluía isolacionismo, xenofobia e – sempre ele – antissemitismo. Uma pesquisa na revista *Fortune* indicava que, na época, 83% da população era contra a flexibilização das cotas de imigrantes. E o presidente Roosevelt estava num momento em que precisava mais do que nunca agradar a seu público interno: ele concorria à reeleição. Aceitar aqueles judeus, rejeitados por seus eleitores, era dar munição a adversários políticos. Então ele disse não. "*America first*", poderia ter emendado, antecipando o bordão de Donald Trump.

Logo em seguida, também consultado, o Canadá seguiu seu irmão do Sul, e negou abrigo aos refugiados. Um oficial da Imigração canadense na época, questionado sobre quantos judeus poderiam ser admitidos no país, respondeu assim: "Nenhum já é além da conta".

QUATRO DESTINOS

Sem porto seguro em Cuba nem na América do Norte, só restava aos judeus retornar para a Europa. Mas para onde? A Alemanha não era opção.

Organizações judaicas intervieram e passaram a negociar com alguns países. Conseguiram vistos para que os passageiros se estabelecessem em quatro: Bélgica, Holanda, França e Inglaterra. O navio enfim atracou em Antuérpia, no começo de junho, de onde os judeus foram encaminhados para seus diferentes destinos – com todo o significado que a palavra "destino" pode ter.

Grande parte dos passageiros preferia a França, por uma questão de admirar a cultura francesa. Os que falavam inglês acharam que teriam maior facilidade na Inglaterra. Mas, de maneira geral, a divisão foi equilibrada.

Esta, entretanto, é uma história sem final feliz para muitos desses viajantes – como as legendas daquelas fotos de Twitter já davam a entender. A Segunda Guerra Mundial começou três meses após o desembarque do St. Louis e, entre os dias 10 e 28 de maio do ano seguinte, os nazistas ocuparam a França, a Holanda e a Bélgica. Dos passageiros do navio que haviam sido encaminhados para esses países, 255 morreram – a maioria em campos de concentração.

Mais feliz foi o destino da bebê Eva Safler, a figura de uma outra imagem (*pág. 46, foto acima*), registrada no deque do transatlântico. A criança, então aos 9 meses de vida, está no colo da mãe, que olha para baixo, relutante em posar para a foto. Uma postura que contrasta com a do marido, sorridente ao lado de uma boia em que se lê "*St. Louis – Hamburg*". Além do desembaraço diante da câmera, dele sabemos que teve uma decisão que salvaria sua família. Ao ser questionado sobre o país para o qual preferia ir, das quatro possibilidades europeias, o homem escolheu a Inglaterra. Disse que queria viver num país onde houvesse água separando-o da Alemanha nazista.

Dos 288 passageiros do St. Louis admitidos na Inglaterra, quase todos – 287 – sobreviveram à Segunda Guerra. Os nazistas nunca ocuparam o território inglês. E Eva Safler está viva até hoje, dando a volta ao mundo para contar a história

UM JUSTO ENTRE AS NAÇÕES

Se há um herói na triste jornada do St. Louis, ele é, ironicamente, um oficial nazista. Como comandante do navio, o capitão Gustav Schroeder era obrigatoriamente um membro do partido de Hitler. Afinal, aqueles 937 judeus não fugiram da Alemanha num barco improvisado. Tiveram autorização para partir, e se foram num navio alemão. Sensibilizado com a condição daqueles refugiados, Schroeder comportou-se com a humanidade e a coragem que os governos dos EUA e de Cuba não demonstraram. Repreendeu os marinheiros que se mostraram hostis aos judeus e fez de tudo para que os passageiros tivessem uma experiência tão agradável quanto possível. Colocou panos sobre um busto e um retrato de Hitler no salão principal do navio, para que os judeus celebrassem suas cerimônias religiosas. Ao chegar às Américas, participou ativamente das negociações com as autoridades locais, insistindo para que recebessem os imigrantes. Quando voltou para a Alemanha, foi punido por ajudar os judeus. Nunca mais comandaria um navio alemão. Então, quando a guerra acabou, ele foi julgado por ser um oficial nazista. Assim que souberam disso, os sobreviventes do St. Louis enviaram cartas para o tribunal, explicando o quanto aquele homem os havia apoiado e protegido. Em 1993, Gustav Schroeder foi reconhecido, postumamente, como "Justo entre as Nações" pelo *Yad Vashem*, o memorial oficial de Israel para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto. A expressão é usada no judaísmo para se referir a *gentios* (não

TTY IMAGES E WIKIMEDIA COMMONS E REPRODUÇÃO

IMAGENS GE

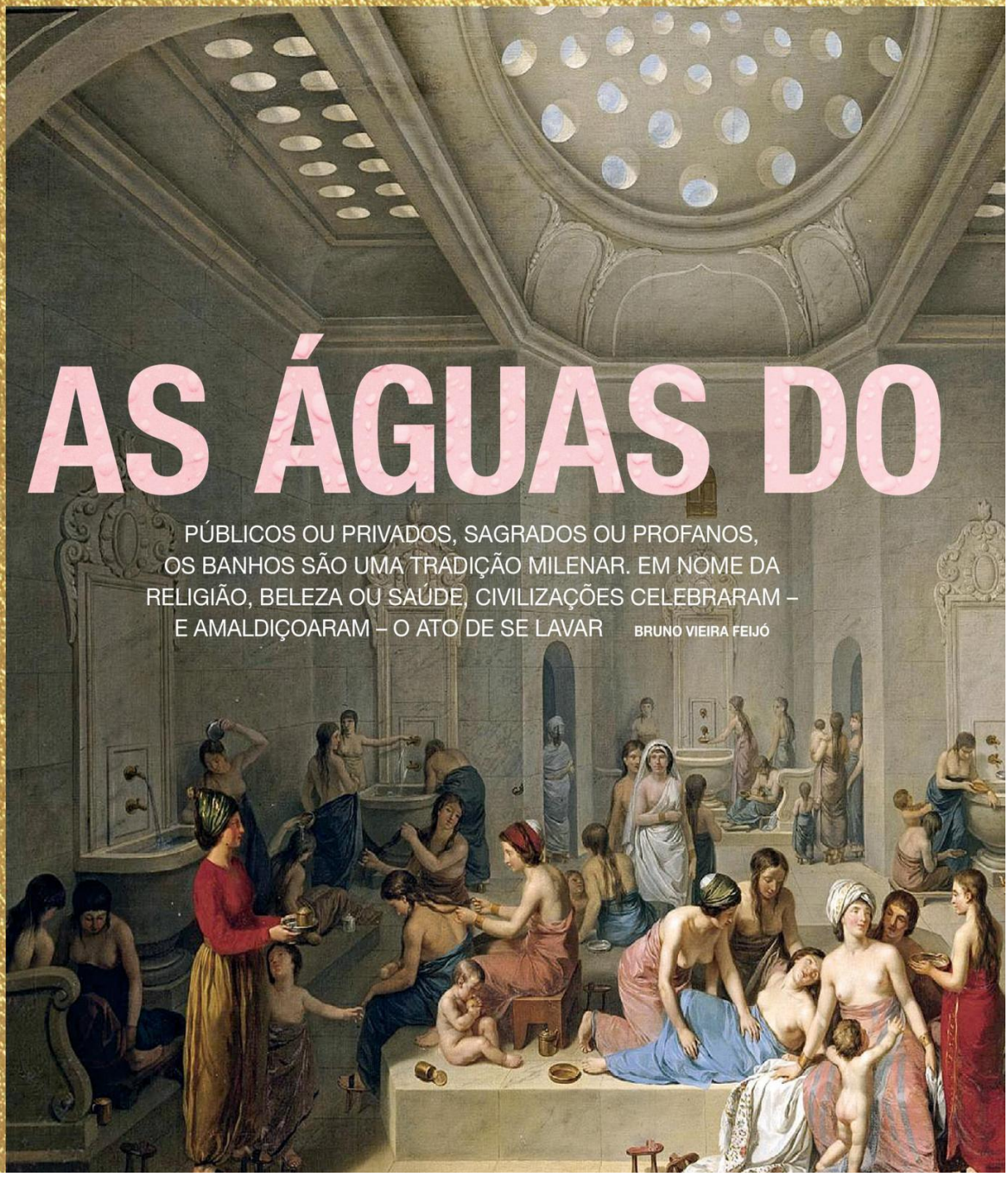
dessa odisseia marítima – uma lição sobre o individualismo que marca as políticas das nações mais poderosas do planeta. AH

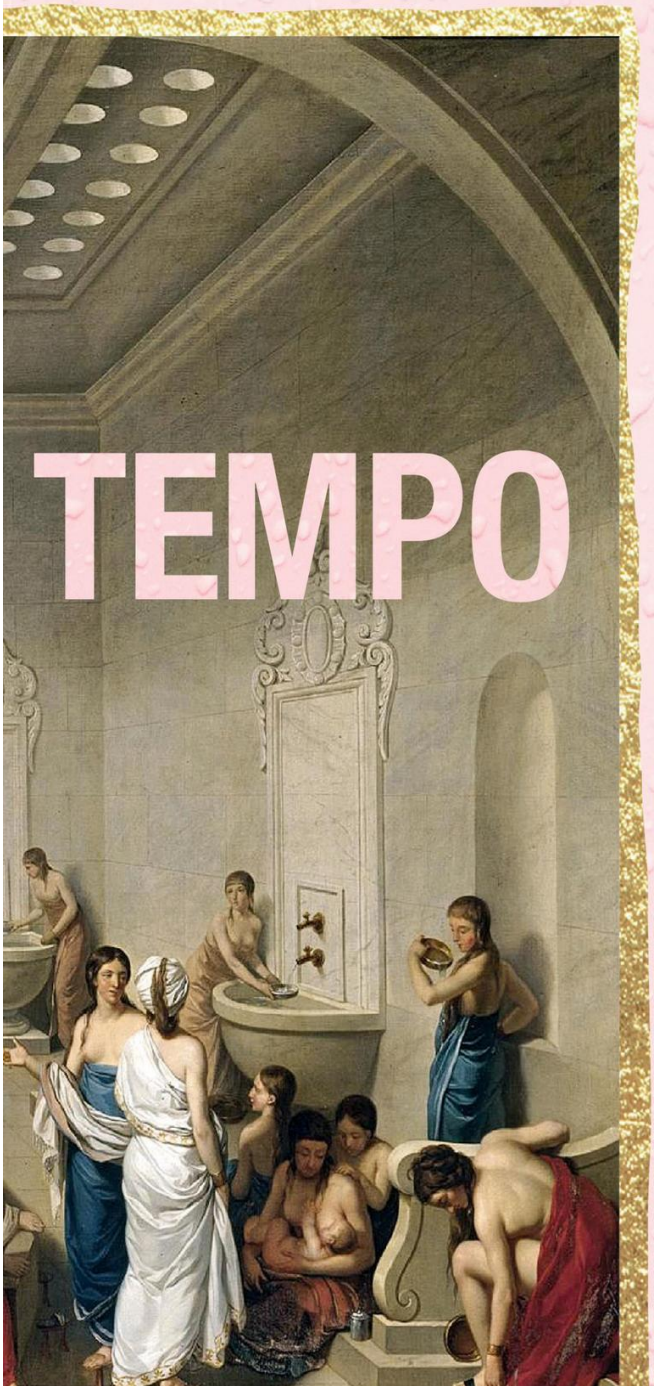
judeus) que, por salvarem vidas de judeus na Segunda Guerra, merecem o paraíso.

AS ÁGUAS DO

PÚBLICOS OU PRIVADOS, SAGRADOS OU PROFANOS, OS BANHOS SÃO UMA TRADIÇÃO MILENAR. EM NOME DA RELIGIÃO, BELEZA OU SAÚDE, CIVILIZAÇÕES CELEBRARAM – E AMALDIÇOARAM – O ATO DE SE LAVAR

BRUNO VIEIRA FEIJÓ





TEMPO

A humanidade melhora com o passar dos séculos, certo? Nem sempre. Prova disso é o que ocorreu com um de nossos hábitos mais comuns, o banho. Durante a Idade Média, os ocidentais abandonaram os sofisticados rituais de limpeza da Antiguidade e mergulharam numa profunda sujeira. Principalmente por causa da religião, o homem medieval comum achava suficiente tomar um banho por ano. Foi preciso muito tempo – e alguns bons exemplos dos povos orientais e indígenas – para que voltássemos às nossas asseadas origens.

Pesquisadores acreditam que todos os povos, desde tempos imemoriais, tenham praticado alguma forma de higiene pessoal. Os primeiros registros do ato de se banhar individualmente pertencem ao Antigo Egito, por volta de 3 mil a.C. Os egípcios realizavam rituais sagrados na água e tomavam três banhos por dia, dedicados a divindades como Thot, deus do conhecimento, e Bes, deus da fertilidade. "Mais do que limpar o corpo, eles presumiam que a água purificava a alma", disse o egiptólogo francês Christian Jacq, fundador do Instituto Ramsés, em Paris. "A crença valia tanto para a realeza, cortejada com óleos aromáticos e massagens aplicadas pelos escravos, quanto para as populações mais pobres, que recorriam inclusive a profissionais de rua quando não conseguiam tratar da própria beleza." O apreço pela higiene é o motivo ao qual arqueólogos atribuem a sobrevivência dos egípcios às pragas e doenças que assolaram a Antiguidade.

A Grécia foi outro local em que os banhos prosperaram. Em Cnossos e Faístos, na Ilha de Creta, é possível ver bem preservados palácios de 1 700 a.C. a 1 200 a.C. que, até hoje, surpreendem por suas avançadas técnicas de distribuição da água. "Todo banquete que precisava ser luxuoso incluía uma sessão de banho para os convidados", explicou Georges Vigarello, professor de Ciências da Educação da Universidade de Paris-5.

Embora os gregos tenham iniciado a prática dos banhos públicos no Ocidente, os pioneiros nos balneários coletivos foram os babilônios. A

diferença é que, na Grécia, o banho não era motivado apenas pela higiene e espiritualidade. Entre 800 a.C. e 400 a.C., o esporte, particularmen-

te a natação, era um dos três pilares da educação juvenil – ao lado das letras e da música. Bom cidadão era aquele que sabia ler e nadar, como comprovam imagens presentes em centenas de vasos de cerâmica pintados naquela época.

Os romanos herdaram muito da cultura da Grécia, incluindo a adoração pelo banho. Mas, entre eles, esse hábito tomou proporções inéditas. Enquanto construíam um dos maiores impérios de todos os tempos, os romanos levavam a suntuosidade de suas termas (enormes balneários públicos) aos mais diversos lugares. Por causa disso, algumas cidades europeias ganharam nomes que incluem, literalmente, a palavra "banho" – é o caso de Bath, na Inglaterra, Baden Baden e Wiesbaden, na Alemanha, e Aix-le-Bains, na França. Mas as maiores termas ficavam mesmo na capital do império, Roma: eram as de Caracala, inauguradas em 217, e as de Diocleciano, do ano 305. Esses edifícios, cujos nomes homenageavam imperadores, tinham capacidade para receber, respectivamente, 1600 e 3200 pessoas.

A engenharia romana teve que se desdobrar para acompanhar o frenesi dos banhos. Na onda das termas surgiu o hipocausto, uma espécie de assoalho construído sobre câmaras de gás subterrâneas. Esse sistema ajudava a esquentar os cômodos e mantê-los climatizados. Cada salão das termas era decorado com estatuetas e mosaicos. Ao redor de um pátio central, havia uma espécie de sauna, um vestiário e piscinas de água quente, morna, fria e ao ar livre. Os complexos de banho do Império Romano tinham ainda jardins, bibliotecas e restaurantes (como se fossem antepassados dos spas e resorts de hoje).

As visitas diárias às termas tinham fundo religioso, já que o banho público era um ato de adoração à deusa Minerva. E o costume não era restrito às classes mais abastadas. Boêmios, prostitutas, imperadores, filósofos, políticos, velhos e crianças, todos se banhavam no mesmo espaço, sem constrangimento. Ponto de encontro e de troca de informações, era o lugar onde um aristocrata podia medir sua popularidade de acordo com a quantidade de cumprimentos que recebia. "Em épocas de plebiscito, os plebeus nem precisavam pagar a pequena taxa que era cobrada. Os custos da entrada eram cobertos pelos ricos e nobres", escreveu o historiador francês Jérôme Carcopino no livro *Aspects Mystiques de la Rome Païenne* (Aspectos místicos da Roma pagã).

PRAZERES PERDIDOS

A liberdade que os romanos tinham de se banhar e ficar nus em público foi entrando em declínio à medida que uma nova religião se tornava popular

A LIBERDADE E O PRAZER QUE OS ROMANOS TINHAM DE SE BANHAR FORAM ENTRANDO EM DECLÍNIO À MEDIDA QUE O CRISTIANISMO

por todo o império. Era o cristianismo, que pregava a castidade e se tornou a crença oficial de Roma no ano 380. Menos de um século depois, o império viria abaixo, junto com vários costumes – enquanto a Igreja ficava cada vez mais forte. Foi a gota d'água para que os prazeres do banho fossem boicotados durante cinco séculos.

Começava a Idade Média, época em que a cristandade varreu da Europa as termas, o esporte e outras atividades em que as pessoas se expusessem demais. Gregório I, o Grande, que foi papa entre 590 e 604, chegou a qualificar o corpo de "abominável vestimenta da alma" – ou seja, a carne era o depósito de tudo o que era pecado. Com tantos pudores, o prazer de tomar banho de corpo inteiro passou a ser visto como um ato de luxúria. Lavar as mãos e o rosto (às vezes nem isso) bastava. Quando muito, era aceitável tomar um banho por ano. Um único barril de água servia para toda a família, sem que a água fosse trocada. "O privilégio do primeiro mergulho era do homem da casa, enquanto as crianças ficavam por último, na sopa suja que sobrava", escreveram as consultoras Renata Ashcar e Roberta Faria no livro *Banho – Histórias e Rituais*.

Sem água corrente, as pessoas se viravam como podiam. A limpeza da pele era feita friccionando-a com um pano úmido. Mas, mesmo entre os nobres, o ritual era repetido só a cada dois dias. Os cabelos deviam ser escovados com um pó que supostamente mantinha os fios limpos. E, como não podia deixar de ser, era preciso muita maquiagem e perfume – nas roupas, corpos e cabelos – para amenizar o mau cheiro.

Toda essa falta de higiene abriu as portas para epidemias devastadoras, propagadas principalmente por roedores. Foi o caso da peste, que matou cerca de 200 milhões de pessoas ao longo da Idade Média. Ao notar que muitos judeus não pegavam a doença, a Inquisição chegou a julgá-los e executá-los, acusados de bruxaria. Mas eles, na verdade, não agiam de má-fé – muito pelo contrário. O que fazia os judeus serem menos suscetíveis a doenças era uma recomendação religiosa

DIFÍCIL HIGIENE

FERRO NO COURO
Uma espátula de ferro de mais ou menos 30 centímetros, o *strigil* era usado pelos antigos gregos e romanos para esfregar vigorosamente a pele, untada com um óleo verde-oliva. Entre os ricos, essa limpeza era feita por escravos.

CASCATA CASEIRA
Sem rede encanada, os povos antigos tomavam banho com água derramada de bacias e jarros. Às vezes, a pessoa ficava dentro de uma banheira rasa de pedra, mas o mais comum era se inclinar num banco de pedra.

LIMPEZA PESADA
Os babilônios ferviam gordura animal com cinzas vegetais para passar sobre a pele e os cabelos. Já no Egito, uma mistura de bicarbonato de sódio, cinzas e argila fazia as vezes do sabão.

ARRANCA-CASCÃO
No Oriente, materiais ásperos feitos de rocha ou cerâmica eram (e ainda são) usados para esfoliar a pele e retirar a sujeira. O ritual se completava com o uso de água de flor de laranjeira, pentes, pastas e perfumes.

ASSEIO PREGUIÇOSO
As banheiras portáteis se popularizaram no fim do século 19, primeiro entre os ingleses. Quando um fidalgo ia tomar banho, camareiras carregavam

que seguiam: lavar as mãos antes das refeições e tomar banho ao menos uma vez por semana.

Foi só durante as Cruzadas, as guerras re- ▶

a banheira para o quarto e a enchiam à mão, com água aquecida.

ligiosas travadas entre os séculos 11 e 13, que muitos europeus puderam redescobrir as delícias da água, na aproximação – ainda que violenta – entre Oriente e Ocidente. É que, fora dos territórios dominados pela Igreja, onde ocorreram muitos combates, os banhos públicos da Antiguidade haviam sido mantidos, com seus rituais e instalações sofisticados. Nas *hamans*, casas de banho turco-árabes, os muçulmanos aproveitavam o prazer de alternar águas quentes e frias. Sessões de banhos completos incluíam depilação, massagem, hidratação, branqueamento dos dentes e maquiagem – ritual que, até hoje, é seguido meticulosamente. Os cavaleiros cristãos que partiram para o Oriente com a missão de tomar a Terra Santa dos muçulmanos não se fizeram de rogados. "Não só passaram a se banhar por lá mesmo como espalharam pela Europa a prática de jogar água pelo corpo quando retornavam dos combates", contam Renata Ashcar e Roberta Faria. A certa altura, a atitude contagiou o restante da população europeia medieval e alguns banhos públicos chegaram a reabrir as portas.

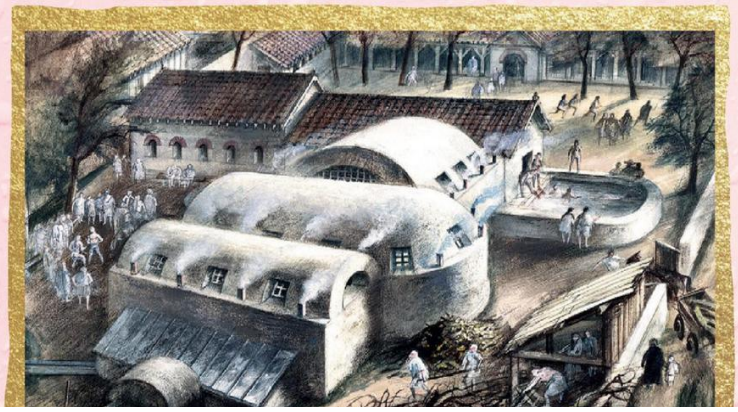
NEM SÓ AOS SÁBADOS

Depois do fim da Idade Média, a religião voltou a suprimir os banhos no Ocidente. Nos séculos 16 e 17, irredutíveis cristãos bradavam que a água dilatava os poros da pele, por onde a saúde escaparia e o mal penetraria, em formas como friagem e germes. Todo mundo acreditou nisso, incluindo os médicos. E, enquanto nações como Portugal e Espanha descobriam, na América, populações que amavam tomar banho, os europeus voltavam para o mundo da sujeira.

Existiam algumas medidas de higiene, é verdade. Mas elas não eram lá essas coisas. Antes ou depois de qualquer atividade física e após as refeições enxugava-se a pele com um pano e simplesmente mudava-se de camisa. Supunha-se que a roupa branca agia como "esponja" e absorvia a sujeira. Assim, trocar de roupa passou a ser sinônimo de se lavar – e, para se sentir limpas, as pessoas usavam punhos e colarinhos impecáveis.

A privação de água durou até o século 18, quando se provou definitivamente que as doenças se originavam não do banho, mas da falta dele. O Iluminismo, que celebrava a razão e defendia a tese de que o mundo deveria ser esclarecido pela ciência, ajudou a fazer do ato de se lavar o símbolo da saúde. Banhos públicos para higiene, esporte e terapia foram, aos poucos, sendo reabilitados. Mas, após anos de religiosos dizendo o contrário, não foi todo mundo que voltou a tomar banho, mesmo com insistentes conselhos médicos. Quando a célebre rainha Vitória subiu

A PRIVAÇÃO DE ÁGUA DUROU ATÉ O SÉCULO 18, QUANDO SE PROVOU QUE AS DOENÇAS SE ORIGINAVAM NÃO DO BANHO, COMO



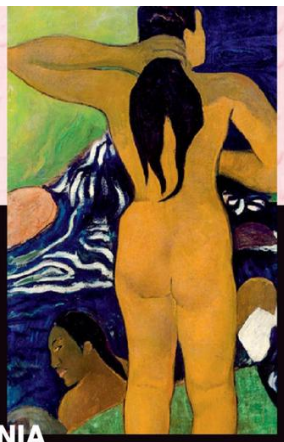
PENSAVAM, MAS DA FALTA DELE

ao trono, em 1837, ainda não havia local para banho no Palácio de Buckingham, sede da coroa inglesa. Até os anos 1870, eram raras as casas ocidentais que tinham um cômodo para os seus habitantes se lavarem. Já cientes do bem que a água podia fazer pela saúde, médicos banhavam doentes à força em hospitais. "Não era difícil encontrar um sujeito que, tendo de enfrentar a experiência do primeiro banho, demonstrasse verdadeiro terror, gritasse, tentasse escapar da sensação de sufocamento e palpitação que a água fria proporcionava", diz um relato da época, citado pelo historiador americano Lawrence Wright no livro *Clean and Decent: The Fascinating History of the Bathroom* (Limpo e decente: a fascinante história do banheiro).

Os banhos rotineiros reapareceram definitivamente nas grandes cidades ocidentais apenas por volta dos anos 1930. Mas, no começo, eles não eram lá tão frequentes. Eram tomados aos sábados, dia em que também eram trocadas as roupas de baixo das crianças. Nessa época, navios ofereciam cabines de banho e barcos delimitavam áreas em rios que serviam como piscinas naturais. Após o fim da Segunda Guerra, em 1945, quando boa parte das casas europeias teve que ser reconstruída, elas ganharam banheiros, abastecidos com a – cada vez mais comum – água encanada. A França foi a pioneira nas inovações sanitárias, seguida pela Inglaterra e Alemanha.

Hoje, voltamos a expor nossos corpos sem pudor, como fazíamos na Antiguidade. Mas isso não ocorre mais durante o ato de se lavar, e sim depois dele. "Ao mesmo tempo em que os trajes começam a valorizar o corpo e deixar adivinhar suas formas, realçando-as e, por vezes, revelando o bronzeado e a pele lisa e firme, o banho se transforma num hábito estritamente íntimo", escreveram os historiadores franceses Gerard Vincent e Antoine Prost na obra *História da Vida Privada: Da Primeira Guerra aos Dias Atuais*.

Tomar banho virou um método individual de se preparar para a exposição pública. Não é à toa que quase todos os banheiros contemporâneos



MANIA DE BRASILEIRO

A HIGIENE DOS ÍNDIOS DEMOROU A SER ACEITA PELA ELITE PORTUGUESA

Quando aportaram por aqui, em 1500, os portugueses se assustaram com a limpeza dos índios, que mergulhavam em rios e no mar até 12 vezes ao dia. Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Cabral, chegou a escrever, surpreso: "São tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem ser mais". Os portugueses acabaram cedendo aos hábitos dos nativos brasileiros, percebendo que eles eram muito mais saudáveis que os da Europa. Os membros da corte, entretanto, resistiram aos deleites da água, pois estavam acostumados a passar meses sem banho. Já os mais humildes aceitaram mais facilmente – começaram diariamente lavando os pés em bacias. "Com o tempo, o rio se tornou extensão da casa. Sem rede encanada, era nele onde se lavavam as roupas, as louças e o corpo", escrevem Renata Ashcar e Roberta Faria no livro *Banho – Histórias e Rituais*. No século 18, algumas cidades já usavam a água de poços e chafarizes mantidos pelo Estado. Quando a família real portuguesa chegou ao Brasil, em 1808, fez do Rio de Janeiro o primeiro município a contar com água encanada no

T IMAGES; HERITAGE IMAGES/HERITAGE ART/
MUSEUM OF LONDON/HERITAGE IMAGES/GETTY
IA COMMONS; RAWPIXEL

IMAGENS: FINE ART HERITAGE IMAGES; WIKIMEDIA

têm um espelho acima da pia – um objeto que, há cerca de dois séculos, dificilmente seria visto num lugar como esse. AH

país, benefício que ainda está longe de atingir todos os brasileiros.

A SAGA DE UM SOBREVIVENTE

Movidos por ideologias, os regimes ditatoriais do século 20 desencadearam atrocidades ao redor do mundo. O governo nazista e regimes comunistas, mesmo que tenham travado uma guerra como opostos, acabaram ambos por causar o sofrimento de famílias inteiras. Foi o caso de Gabriel Waldman. Judeu nascido na Hungria, ele viveu os horrores dos dois regimes quando criança. E, hoje, décadas depois, nos conta a sua história.

O COMUNISMO NA HUNGRIA

A União Soviética saiu da Segunda Guerra Mundial vitoriosa, uma vez que os aliados haviam derrotado o fascismo e o nazismo. Assim, o comunismo foi implantado em diversas localidades do globo, inclusive na Hungria, que antes estava sob domínio dos nazistas. Porém, a visão heroica que muitos tinham da URSS logo foi desfeita.

A implantação do comunismo no país fez com que a população húngara se rebelasse contra o regime, causando uma revolução que, nas palavras de Gabriel, representou a abertura de uma brecha na "armadura de anjos salvadores" que os soviéticos possuíam. Além do controle de Moscou, outros gatilhos eclodiram o movimento, como, por exemplo, um incidente ocorrido pouco antes na Polônia, quando manifestantes que exigiam eleições livres e a saída do Exército Vermelho do país acabaram sendo violentamente atacados pelos militares soviéticos.

Isso alimentou uma sede por mudanças na Hungria, de modo que em 23 de outubro de 1956, iniciou-se a Revolução Húngara. Por um momento, os rebeldes pareciam vitoriosos, já que, após vários dias de conflito, os soviéticos deixaram o país. Porém, no mês seguinte, o Exército Vermelho invadiu novamente a Hungria e destruiu a capital, Budapeste, desmantelando a revolta. Durante o conflito, que teve fim no dia 10 de novembro, milhares de soldados, de ambos os lados, além de civis húngaros, perderam a vida.

A INFÂNCIA NO PAÍS DE ORIGEM

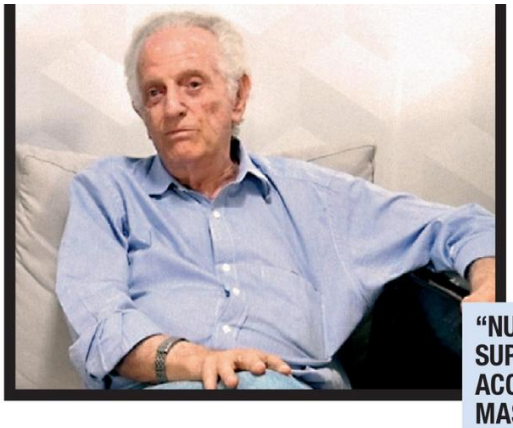
Gabriel ainda era uma criança quando viveu os horrores na Hungria e naturalmente não possui memórias muito vívidas daquela época. No entanto, ele se recorda da fome, do frio, da sede e, sobretudo, do medo e da saudade. Anos antes, o menino havia perdido grande parte de seus familiares durante a guerra, inclusive seu pai, que morreu no campo de concentração de Bu-

Mulheres judias capturadas durante o regime nazista, em 1944

Estátua de Stalin destruída durante a Revolução Húngara, em 1956

DE FAMÍLIA JUDIA, GABRIEL WALDMAN ENFRENTOU OS HORRORES DO NAZISMO E A OPRESSÃO COMUNISTA NA HUNGRIA. HOJE, VIVE NO BRASIL

POR GIOVANNA GOMES COM SUPERVISÃO DE THIAGO LINCOLINS



"NUNCA SUPEREI ESTES ACONTECIMENTOS, MAS NÃO SINTO RAIVA PELO QUE PASSOU. ISSO JÁ FOI ABSORVIDO PELO TEMPO E PELA RACIONALIDADE"

chenwald, na Alemanha, enquanto vivia se escondendo das tropas nazistas ao lado da mãe.

Uma das poucas memórias do período em que seu país estava sob o regime comunista é da escola. "Eu era muito bom estudante quando se tratava de História, o resto era uma porcaria. Mas História, História da Hungria, eu dominava! Até que um dia, minha mãe estranhou que de repente comecei a trazer notas medíocres para casa." E ela, então, foi até a escola para tentar entender a razão das notas baixas. "Nada a ver com o seu filho", disseram-lhe. "O partido comunista deu ordens de que ninguém de origem burguesa possa ter nota maior do que 5". Como a nota máxima era 10, a mãe de Gabriel logo percebeu que ingressar na faculdade seria algo impossível para ele. "Acho que um ano depois – em 1949 – fugimos da Hungria", lembra Waldman.

IMAGENS REPRODUÇÃO/DIVULGAÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

DA VIDA NÔMADE AO BRASIL

Até os 13 anos de idade, a vida de Gabriel foi marcada pelo nomadismo. Após fugir da Hungria com a mãe, ele passou anos viajando para diferentes países, período em que enfrentaram sérias dificuldades financeiras. Tudo mudou, porém, quando chegou ao Brasil em 1952.

Gabriel, aos 13 anos de idade, quando chegou ao Brasil

"De repente tivemos segurança e uma existência digna desse nome. Ninguém queria saber de nós. Éramos simplesmente o refugo da Terra, por assim dizer. Quando cheguei aqui, encontrei um ambiente seguro, estável, e consegui fazer amizades, refiz minha vida, ou melhor: fiz minha vida, porque, antes dos 13 anos, quando cheguei aqui, minha vida era praticamente ligada à minha mãe e à minha família, metade exterminada", disse ele.

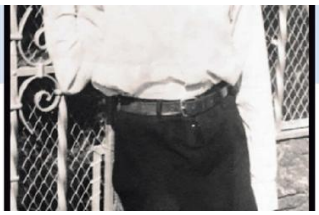
Quando questionado sobre como superou esses acontecimentos, Gabriel não hesita: "Não superei nunca, tanto é que estou aqui, dando esta entrevista, e escrevo e falo o tempo todo sobre a Segunda Guerra Mundial e o comunismo". No entanto, ele afirma não ter raiva pelo que passou. "Isso já foi absorvido pelo tempo e pela racionalidade."

No Brasil, Gabriel manteve sua dedicação à escrita, prática que realiza desde a infância – e que eventualmente aparece por aqui, nas páginas de AVENTURAS NA HISTÓRIA. Seu mais recente livro *A Estratégia do Escorpião*, de 2018, é inspirado na obra de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*.

NEGACIONISMO E DITADURA

Anos depois de sobreviver a duas guerras, a perda trágica de familiares e a fome, Gabriel diz que a melhor maneira de combater os atuais movimentos negacionistas é não dando notoriedade a eles. "Não dá para mudar a opinião destes movimentos, pois eles não querem razão. Querem dar vazão aos seus desejos históricos e àquilo que gostariam que tivesse acontecido".

"Quanto mais você reage, mais atenção você dá para eles e isso é bom evitar. Então, eu prefiro simplesmente ignorá-los", prosseguiu. E, quanto



aos regimes ditatoriais ainda existentes, ele diz sentir pena. "Eles pensam que vão mudar tudo, mas não mudam nada, no fim das contas."

A GUERRA QUE NUNCA FOI

Marinha e Força Aérea mobilizadas; planos de uma invasão terrestre a uma nação até há pouco considerada "amiga" sendo esboçados; e uma campanha de forte apelo popular conclamando o povo brasileiro à defesa da pátria e de suas riquezas. Em quase estado de beligerância, os discursos eram cada vez mais afrontosos nos dois países, mas a guerra nunca aconteceu. Este estranho episódio, que colocou Brasil e França em lados antagônicos, ocorreu por conta de um simples crustáceo: a lagosta. A "guerra que nunca foi", que por pouco não mergulhou a América do Sul no maior conflito desde a Guerra do Paraguai, ficou conhecido como a "Guerra da Lagosta".

No início dos anos 1960, o Brasil se viu no meio de um contencioso diplomático, no mínimo, curioso, por pouco não evoluindo para uma guerra. Tudo começou em 1961, quando barcos pesqueiros franceses que inicialmente se detinham à costa da Mauritânia, na África, atravessaram o Atlântico e passaram a pescar lagosta em águas territoriais brasileiras. Pescadores pernambucanos, percebendo o aumento de barcos franceses, reclamaram com as autoridades locais. Foi então que o almirante Arnoldo Toscano decidiu enviar corvetas da Marinha do Brasil para a região. A missão tinha um duplo objetivo: analisar a situação e, se confirmada, escoltar os pesqueiros franceses para fora das águas brasileiras.

Um episódio que, por pouco, não mergulhou a América do Sul no maior conflito desde a Guerra do Paraguai

Ao serem abordados por navios de guerra da Marinha do Brasil – que pacificamente solicitaram que eles cessassem suas atividades e se retirassem – os pescadores franceses pediram ajuda à sua Marinha de Guerra. Este foi o estopim, o cenário estava armado. Alegando que estava defendendo seus nacionais, o governo francês do presidente Charles de Gaulle enviou destróieres para a região. O Itamaraty exigiu explicações, planos para uma possível invasão da Guiana Francesa (nunca postos em prática) começaram a ser pensados e, nos jornais, lia-se "Frota naval da França ronda costa do Brasil".

Mesmo sabendo que não teriam condições de lutar uma guerra contra uma potência nuclear, as Forças Armadas Brasileiras mantiveram-se firmes. Foram enviados mais navios para a região, e a FAB intensificou os voos de patrulha sobre os navios de guerra franceses. Diante da escalada do conflito, ambos os países mobilizaram seus porta-aviões. A França deslocou para o Atlântico Sul o Clemenceau, seu navio-aeródromo mais moderno, enquanto o Brasil mobilizou o Minas Gerais, a estrela de sua frota. Buscando evitar uma guerra, o então presidente brasileiro, João Goulart, concedeu uma autorização provisória para que alguns pesqueiros franceses pudessem exercer suas atividades em águas brasileiras. Todavia, tamanha foi a revolta popular, que dias depois voltou atrás e cancelou a autorização. O presidente De Gaulle chegou a se manifestar publicamente sobre a atitude, classificando-a como não séria.

Em 1963, depois de quase dois anos de discussões, ambos os países preferiram evitar o mal maior e acabaram retrocedendo. Várias são as razões apontadas para a guerra nunca ter de fato acontecido. Para a França, que já se encontrava lutando uma longa guerra na Argélia, o preço de mais um conflito seria caro; enquanto, no Brasil, assolado por uma instabilidade política e econômica, começava a tomar forma o movimento que culminaria com os eventos de 31 de março de 1964.

OS COLUNISTAS NÃO SÃO DE RESPONSABILIDADE DA REVISTA

RICARDO LOBATO É SOCIÓLOGO E MESTRE EM ECONOMIA PELA UNB, OFICIAL DA RESERVA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E CONSULTOR-CHEFE DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA DA EQUILIBRIUM – CONSULTORIA, ASSESSORIA E PESQUISA

AS OPINIÕES DO

Meu Nome É Dolemite (2019)
Direção: Craig Brewer
Onde Ver: Netflix

LENDA DOS FILMES B

Martin Luther King Jr., Malcolm X... Esses e outros ativistas emergiram nos anos 1960, o auge da luta pelos direitos civis dos negros nos EUA. Pela primeira vez naquele país, os negros se organizavam em massa para exigir os mesmos direitos dos brancos. E não só isso: reivindicavam seu papel de protagonistas na sociedade.

Esse movimento revolucionário mudou a política, conquistou boa parte da opinião pública e foi refletido pela indústria cultural da década seguinte. No cinema, artistas negros, cansados de esperar que Hollywood os representasse com o devido destaque, decidiram assumir as câmeras. E assim inventaram um gênero original de filmes, de baixo orçamento e grande apelo popular: a *blaxploitation*. Finalmente, a realidade de comunidades pobres de negros chegava às telas, em enredos cheios de traficantes, ex-presidiários, peitos e bundas de fora. O sucesso comercial foi tanto que deu origem a subgêneros, como filmes de horror (*Blacula*) e paródias. Foi nesse contexto que surgiu uma das figuras mais exuberantes da cultura negra: Rudy Ray Moore (1927-2008).

Funcionário de uma loja de discos, Rudy já tinha mais de 40 quando teve a sacada de sua vida. Começou a prestar atenção a poetas de rua (mendigos mesmo) que faziam rimas cheias de palavrões, obscenidades e muito humor – uma arte urbana que seria precursora do *rap*. Então começou a imitá-los em apresentações de stand-up, assumindo a persona de um cafetão chamado Dolemite. Virou ídolo cult, gravou discos de comédia com mulheres nuas na capa (suas "prostitutas") e meteu na cabeça que queria fazer filmes.

Meu Nome é Dolemite conta a trajetória desse homem extravagante, interpretado por Eddie Murphy. O espectador acompanha a jornada mambembe de Rudy para fazer seu longa-metragem. Tudo na base da gambiarra e partindo da estratégia mais improvável: ele mesmo, na época já beirando os 50 anos, barrigudo, no papel de um galã marginal, um gigolô que quer recuperar sua casa de *striptease* – colocando seu corpo fora dos padrões em cenas de sexo e lutando *kung fu* (sem o menor traquejo para essa arte marcial).

Este filme dentro do filme havia sido pensado para os cânones da *blaxploitation*: um roteiro policial, sexy e violento. Acabou virando uma comédia involuntária, justamente pelo quanto é tosco. Mas lotou tantos cinemas que transformou Rudy Ray Moore numa lenda dos filmes B – que merecia muito essa simpática cinebiografia.

ÃO AS OPINIÕES DOS COLUNISTAS NÃO SÃO DE RESPONSABILIDADE DA REVISTA

FOTO REPRODUÇ

ALEXANDRE CARVALHO É JORNALISTA E CRIOU, EM 2005, A REVISTA DE CINEMA *PAISÁ*. É AUTOR DOS LIVROS *INVEJA – COMO ELA MUDOU A HISTÓRIA DO MUNDO* (2015) E *FREUD – PARA ENTENDER DE UMA VEZ* (2017)

A VIDA NO VALE

NA DÉCADA DE 1920, JARDINS FORAM FEITOS SOB O VIADUTO DO CHÁ DO ENTÃO PARQUE ANHANGABAÚ – ETERNO CARTÃO- POSTAL DE SÃO PAULO

POR IZABEL DUVA RAPOPORT

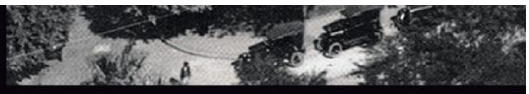
Os jardins do

A construção do Theatro Municipal de São Paulo, no início do século 20, deixava os habitantes da cidade mais populosa da América (que neste mês completa 467 anos) eufóricos. Afinal, o grande teatro poderia ser comparado às melhores e impactantes casas de espetáculo da Europa – com exceção da vista.

Naquela época, para chegar ao Morro do Chá, numa das encostas do Vale do Anhangabaú, onde o teatro foi construído, era preciso passar pelos fundos de várias casas e por plantações de chá e de agrião – uma paisagem de aspecto rural que não combinava mais com os planos de modernização da administração paulistana.

Com isso, uma grande reforma foi feita, incluindo a inauguração do Parque Anhangabaú em 1917, ainda incompleto. Nos anos 1920, jardins foram feitos sob o Viaduto do Chá, que viu nascer arranha-céus a seus pés já nas décadas seguintes, quando, a contragosto do projeto paisagístico, a área verde foi cortada por três avenidas. Hoje, os carros passam por túneis, cujas

superfícies são enormes calçadões – palco de espetáculos culturais, discórdias entre o povo, mudanças contínuas e muita história para contar.



Anhangabaú e o Viaduto do Chá vistos do Theatro Municipal, em 1927

Reprodução

IMAGEM REPRO

NOS AJUDE A
PROTEGER
A VIDA

WWF

#JuntosÉpossível
doe.wwf.org.br

O WWF-Brasil desenvolve, há mais de 23 anos, projetos e iniciativas de conservação do meio ambiente para que a sociedade brasileira conviva em harmonia com a natureza, em benefício das gerações atual e futura.

wwf.org.br

SIGA NOSSAS REDES
WWF-Brasil